

# REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Anunciada, 9 — Lisboa

N.º 3

Março de 1917

Ano LXIX

Director, proprietario e editor — Empreza da *Revista Militar*

Composição e impressão na TIPOGRAFIA UNIVERSAL

pertencente a *Coelho da Cunha Brito & C.* — Rua do Diario de Noticias, 110 — Lisboa

## REORGANIZAÇÃO DO EXERCITO ESPANHOL <sup>1</sup>

Longe estavamos de supor, quando anteriormente escreviamos ser urgente acordar a alma nacional, porque só dela podia brotar a salvação da Patria, a qual o chefe do ministerio declarou em perigo, que tão breve, e do alto de um trono, viesse a confirmação dessa aspiração, como processo unico para o resurgimento de uma firme vontade nacional.

Foi ainda na Espanha, de cuja reorganização militar nos temos occupado, que essa confirmação surgiu. Encantados com o procedimento seguido pelo monarca, nas diligencias que tem empregado em favor dos prisioneiros de guerra, todos os municipios daquele país se coligaram, com o fim de incitar o governo a promover o processo necessario, para que o nome de D. Afonso XIII figure á frente dos cavaleiros e grão-cruzes da Ordem de Beneficencia, recentemente creada. Com esse fim, representando 9.500 municipios de toda a Espanha, se dirigiram a Madrid os presidentes das camaras das capitais das provincias. Recebidos pelo monarca, foi o duque de Almodovar, presidente da municipalidade de Madrid, a quem coube fazer a alocação do estilo, na qual saudou o Rei — «como o farol que guiará a Espanha para ser o que foi noutros tempos» —.

D. Afonso XIII, que vestia o uniforme do regimento de cavalaria, de que é comandante honorario, tendo ao seu lado o Presidente do Conselho de Ministros, circumstancia que accentuou a importancia das suas palavras, depois de saudar os ma-

<sup>1</sup> Conclusão de pag. 94.

nifestantes, e de recordar que nos mesmos campos, em que hoje se travam lutas, passeou a Espanha o seu pavilhão vitorioso, declarou que a insígnia, que lhe era oferecida, a devia ostentar toda a nação, unindo-a á sua bandeira gloriosa, pelo que a collocaria no estandarte do regimento de cavalaria do seu nome. E, seguidamente, pronunciou as seguintes textuais palavras: «Tenho fé no porvir da Espanha; *mas é preciso que cada qual trabalhe na sua esfera de acção. Deveis apressar-vos em corrigir os vossos defeitos, correspondendo aos desejos e aos anelos do povo.* Estes são os votos do vosso rei, o qual, como vós, aspira a uma Espanha prospera».

A voz da razão, surja ela de um trono ou da mais humilde choupana, deve sempre merecer o melhor acolhimento em uma sociedade sinceramente democratica, isenta da paixão sectarista, patrioticamente animada do ardente desejo de tornar grande e ditosa a propria Patria. Mas se ela brota de um meio tradicionalmente hostil, se quem pronuncia essas suasórias palavras é o chefe geralmente aclamado e respeitado da grei respectiva, dirigindo-as aos proprios subditos, então o conselho emitido não deve ser sómente meditado por aqueles a quem é dirigido, mas ainda por todos os que nas tradições do passado encontram o mais forte esteio do indestrutível amor, que nutrem pela independencia nacional. Esta é a razão porque deixámos precedentemente registadas as palavras do soberano espanhol, que bastam para revelar a cultura e isenção do seu espirito, as quais com tanto melhor e grato fundamento devem ser acolhidas neste rincão da Peninsula quanto que, sob forma diferente, representam a mesma idéia, que o principe dos poetas portuguezes emitiu, há seculos, não só quando poz na boca de Vasco da Gama, ao avistar Calecut, as palavras eloquentes que condenavam os ocios e deleites *que afeminam os peitos generosos*, afirmando ser apenas — «por meio de perigos, de trabalhos graves e temores, que alcançam as honras imortais e grãos maiores os que são da fama amigos» —, mas ainda ao flagelar os viciosos compatriotas, que se haviam outrora desviado

«Do lustre e do valor dos seus passados,  
Em gostos e vaidades atolados».

Sempre procederam de conformidade com a doutrina exposta os preclaros estadistas e os grandes propulsores dos mo-

vimentos destinados, quer a erguer os povos abatidos de animo, quer a transformar as sociedades. E' um facto reconhecido pela psicologia, que a força dos povos provém menos do seu poder militar do que da comunidade de sentimentos, que brota da solidez da alma nacional. Reconstituir esta, faze-la acordar da prostração em que caíu, visto que os caracteres psicologicos das raças nunca morrem, vivem nas proprias individualidades e constituem o seu mais seguro guia e o dos respectivos povos, tal foi sempre o proposito primordial e inflexivel dos mencionados estadistas e chefes. A logica individual desaparece perante a alma inconsciente das multidões. Por isso, só depois de haverem despertado a alma colectiva, por meio de adequados processos, os politicos e militares notavejs se lançaram ousadamente nos movimentos, que haviam idealizado. As tentativas que seguiram rumo diferente, ou que inverteram aqueles termos do problema, quando não causaram grandes calamidades, viram inteiramente defraudadas as aspirações e projectos concebidos, por mais generosos que eles houvessem sido.

D. Afonso XIII, ao dirigir-se agora ao seu povo nas palavras, que deixámos transcritas, apenas repetiu, portanto, a lição que Camões nos legou, cuja exactidão psicologica a sciencia moderna afirma peremptóriamente. Se é certo, porém, como tantas vezes se tem repetido, que um dos defeitos da nossa raça é precisar da sanção do estrangeiro para bem apreciar os frutos e obras nacionais, o conselho do grande épico tem agora o merito de satisfazer inteiramente a esta bastarda e desarrazoada exigencia. Façamos esforços paralelos, portanto, os dois povos peninsulares para o despertamento da alma nacional, afim de realizar aquele

«... trabalho imenso, que se chama  
Caminho da virtude alto e fragoso,  
Mas no fim doce, alegre e deleitoso».

\*

\* \* \*

O anterior incidente, interessante de natureza, posto que desataviadamente exposto, quebrou por momentos os elos da descrição serena, que iamos fazendo das bases da concebida reorganização do exercito espanhol, e necessario se torna voltar a

ela, desde já, para que o presente estudo não tome proporções, que longe dos intentos do autor, de começo, estava a dar-lhe.

Haviam sido expostos os termos da organização divisionaria adotada, segundo a qual o exercito de primeira linha da Peninsula ficará constituída por dez divisões activas e oito em quadros, formando as primeiras, além das unidades independentes, o efectivo total de:

- 40 regimentos de infantaria, a 3 batalhões;
- 20 esquadrões de cavalaria;
- 30 grupos de artilharia ligeira de campanha;
- 10 ditos de artilharia pesada;
- 20 companhias de sapadores;
- 10 ditas de telegrafistas;
- 10 secções de iluminação;
- 10 parques moveis de munições;
- 10 ditos de pontes de vanguarda;
- 10 padarias;
- 20 companhias de subsistencias;
- 10 ambulancias divisionarias;
- 10 hospitais de campanha, e
- 10 colunas de evacuação de feridos e enfermos.

Deve notar-se, que todas estas unidades ficarão dotadas com o correlativo material de campanha, cuidadosamente produzido ou adquirido durante a guerra actual, quer nos arsenais do Estado e industria nacional, quer nos Estados Unidos.

Quanto ao pessoal, as unidades referidas deverão conservar permanentemente, durante a paz, como já ficou precedentemente mencionado: 100 espingardas por companhia; 120 cavalos por esquadrão e 4 ou 6 peças e 80 a 100 praças por bataria.

No conjunto, isto é, aproximando as unidades componentes das 10 divisões activas das 8 em quadros, verifica-se que o exercito da primeira linha continental ficará com a seguinte composição:

- 40 regimentos activos de infantaria;
- 30 ditos em quadros, idem;
- 2 batalhões de ciclistas;
- 9 regimentos de cavalaria divisionaria;
- 12 ditos de cavalaria independente;
- 16 ditos de artilharia de tiro rapido de 7,5;

- 2 ditos de artilharia de montanha (provisoriamente);
- 1 dito de artilharia a cavalo;
- 9 batalhões de artilharia pesada;
- 4 regimentos de sapadores mineiros (1 com 3 batalhões);
- 2 ditos de telegrafos; e
- 1 dito mixto de iluminação e radiotelegrafia.

Afóra as unidades citadas, haverá ainda, não só 4 batalhões de montanha, mas tropas de artilharia e engenharia independentes.

E' oportuno referir, para melhor esclarecimento do assunto, que a composição do regimento de infantaria, em tempo de paz, será de 3 batalhões a 4 companhias, mais uma de metralhadoras a 2 secções com 2 maquinas, e uma unidade de deposito; os 2 primeiros batalhões, com os efectivos permanentes precedentemente indicados, e o terceiro em quadros, havendo o cuidado de separar o elemento combatente do auxiliar, por modo que aquele represente sempre o equivalente de espingardas uteis. Esta composição das tropas de infantaria da primeira linha deve fazer reflectir, por certo, os austeros censores da nossa organização de 1884, os quais, volvidos trinta e três anos, veem agora proposta pelo Estado Maior Central espanhol a mesma constituição organica, a que eles outrora applicaram o qualificativo de obsoleta, senão outro mais duro. Neste ponto, como em outros, estão vingados os manes dos nobres militares, que compunham a organização de 1884, desaparecidos hoje na sua quasi totalidade.

Os batalhões de montanha, que já em 1899 haviam sido creados, mas tiveram vida efemera, são destinados á zona alpétre da fronteira francesa e o seu recrutamento será regional.

Pelo que diz respeito á organização da cavalaria, sendo reconhecidas as difficuldades de preencher as baixas produzidas durante a campanha, bem como a de reforçar os efectivos dos seus regimentos durante a mobilização, ficou assente não haver nessa arma unidades em quadros. Para atenuar tais inconvenientes, foi resollvido que os regimentos se compozessem de unidades sempre prontas a entrar immediatamente em acção, e de outras destinadas a receber as respectivas reservas e requisições, preparando-as para preencher as baixas produzidas nas primeiras. Assim, os regimentos continuarão constituídos por cinco esquadões, dos quais um será de deposito.

Outro principio em que assentou a constituição da arma referida foi o de fazer predominar notavelmente a cavalaria independente sobre a divisionaria, que ficará reduzida a dois esquadrões por divisão. E, porque a tactica obriga ao emprego do fogo intenso para o conveniente desempenho de varias missões da cavalaria, foi aggregada uma secção de metralhadoras a cada unidade. Com o fim de transmitir informações dentro da rêde regimental de exploração, igualmente lhe foi aggregado um pequeno destacamento de ciclistas, provisoriamente formado de três maquinas por esquadrão.

A cavalaria independente formará duas divisões, compostas cada uma de três brigadas de dois regimentos, constituição esta que se amolda com a distribuição da artilharia affecta ás referidas divisões, que é de um grupo de artilharia a cavallo de dose peças (três batarias, uma por brigada) por divisão, afóra um batalhão ciclista, destinado a cooperar com os seus fogos na acção da cavalaria, e um grupo mixto de engenheiros, com o material indispensavel de pontes e secções de telegrafos e de radio-telegrafia, isto sem contar os necessarios elementos da intendencia e saude militar.

Quanto á constituição da artilharia, porque ela tem as mesmas difficuldades para a mobilização, que a cavalaria, ficou assente que a destinada ao primeiro choque se componha de duas partes:

- 1.<sup>a</sup> A divisionaria permanente, affecta á divisão, e
- 2.<sup>a</sup> A independente, que completará o numero de peças necessarias para atingir a proporção de artilharia geralmente admittida como minima, que é de 48 peças por divisão, ou seja de 4, que a organização proposta aspira a elevar a 5, por mil espingardas. Para o conseguir, cada uma destas unidades, seja activa ou em quadros, contará com um regimento de 9 batarias de 7,5, e de um grupo de obuzes, além de um grupo de 3 batarias com fogos curvos. Na artilharia independente, e especialmente na destinada a bater aeroplanos, compreender-se-hão umas dez batarias de 4 peças, montadas em 40 automoveis semi-ligeiros.

Os serviços de engenheiros, affectos a cada divisão activa, disporão do seguinte grupo de tropas:

- 2 companhias de sapadores mineiros;
- 1 dita de telegrafos;

- 1 secção de iluminação;
- 1 parque divisionario rodado;
- 1 secção de automobilismo rapido;
- 1 secção ciclista.

Cada uma das duas companhias de sapadores mineiros constará: de duas secções activas e duas em quadros; de um grupo activo de sapadores montados em bicicletas na 1.<sup>a</sup> companhia, e de outro em quadros na segunda; de um parque de companhia, com quatro carros de secção com as ferramentas e demais material, e de um trem de companhia, com o animal competente na 1.<sup>a</sup>, e em quadros na 2.<sup>a</sup> A pequena diferença, existente entre a organização das duas companhias, tem por fim obter da reunião delas uma, quasi que em pé de guerra, dispondo de todos os elementos necesarios para a entrada em campanha, afim de poder realizar exercicios de marcha, de conjunto e escolas praticas.

O parque divisionario de engenheiros, affecto ás divisões activas, compreenderá três escalões. O primeiro será formado por um trem ligeiro de pontes de vanguarda, que basta para estabelecer pontes normais de 21 metros de longitude ou duas passarelas de 25 metros, para a passagem de infantaria em marcha de costado a dois, as respectivas metralhadoras e os cavalos dos officiaes. O segundo escalão constará de três camiões auto-veis, dois deles de 700 a 800 quilogramas de carga maxima, e o terceiro de 1,5 toneladas de carga. O primeiro veiculo conduzirá explosivos; o segundo o ferramental e material regulamentar, completado com escorvas para cavalaria e infantaria e mechas e espoletas para minas automaticas; o terceiro será de requisição, e conduzirá estacas e arame farpado para rêdes de fio de ferro e o ferramental e demais artigos necesarios, tanto para a construção e destruição das ditas rêdes, como para abrir passagem através de outras defesas accessorias. O terceiro escalão será formado: por seis camiões automoveis, que transportarão a parte restante do ferramental e mais material regulamentar; outro de tonelada e meia de carga para viveres e bagagens; um carro de munições de modelo da infantaria e uma cozinha de campanha.

A companhia de telegrafos divisionaria constará de quatro secções: a 1.<sup>a</sup>, optica, a cavalo, com seis estações; a segunda, tambem optica, a dorso, com quatro estações duplas; a terceira,

telefonica, com dez, e a quarta, telegrafica, com três. Disporá, tambem, de um trem de companhia, constituido pela carga de farmacia, de um camião para transporte de postes e material de linhas permanentes e de um carro de viveres e bagagens do modelo da cavalaria.

A secção de iluminação divisionaria contará com os elementos indispensaveis para o funcionamento e tracção de dois projectores de campanha de 0,60 metros e de dez de trincheira de 0,25 metros, completando-se com um trem composto de um carro de viveres e bagagens e uma cozinha para 100 praças.

Afóra os serviços divisionarios, haverá tropas independentes de engenharia, como pontoneiros, caminhos de ferro, aerostação e radio-telegrafia e iluminação.

Com respeito á intendencia, e como elemento de instrução, será affecta a cada divisão activa uma companhia mixta, formada por uma secção de padaria e outra de viveres. Ao passar ao pé de guerra, esta companhia desdobrar-se-ha em um grupo mixto divisionario de intendencia.

Em assunto sanitario, cada divisão disporá de uma companhia, desligada dos serviços hospitalares, incumbindo-lhe destes apenas o transporte de enfermos das respectivas guarnições para os hospitais. Durante a paz, terá especialmente por fim a conservação do material completo para os serviços sanitarios da divisão em tempo de guerra, e a instrução da respectiva applicação. O pessoal dos hospitais alternará com o da companhia, por modo que ambos recebam a instrução completa, necessaria ás tropas sanitarias. A companhia, em tempo de guerra, converte-se em grupo mixto divisionario.

Tendo dado uma ideia, quanto possivel particularizada, da constituição do exercito da primeira linha, ou de primeiro choque, como tambem o denominam os nossos vizinhos, não será impertinente voltar a recordar ser ele exclusivamente destinado á guarnição do continente, por quanto para Marrocos e demais dominios insulares são destinadas tropas especiais, ao deante especificadas. Isto com o fim de que — «pueda contarse siempre que sea necesario concentrarle y trasladarlo prontamente

como apoyo a ejércitos da nación o naciones aliadas, *o para efectuar una campaña ofensiva y rapida* —, formando um efectivo total mobilizado de 200 a 250:000 homens (I da base 1.<sup>a</sup> das bases de organização elaboradas pela Junta de Defesa Nacional), o qual, pela mobilização das divisões de reserva, se elevará de 600:000 a 700:000 homens, incluídas as reservas territoriais, permitindo assim — *organizar fuertemente una campaña defensiva y contar con las fuerzas de observación necesarias y para guarnecer el resto del territorio* — (II da referida base 1.<sup>a</sup>).

Se as relações entre os dois países peninsulares não fossem cada dia mais amistosas, como repetidas vezes tem sido recentemente afirmado pelos governos das duas nações peninsulares e seus representantes diplomaticos, não sendo admissível suspeitar da sinceridade de tais declarações, a algum espirito mais meticoloso poderia causar apreensão o facto de ser um dos fins da constituição do nucleo de tropas de primeiro choque «— *efectuar una campaña ofensiva e rapida* —», e de haverem sido escalonadas metade, ou antes dois terços (contando com a região intermedia), dessas tropas ao longo da fronteira portuguesa, quando da fronteira francesa apenas ficarão aproximadas cêrca de um terço.

E essas apreensões teriam assumido de importancia, ao observar a urgencia com que o governo espanhol recentemente mandou estudar, em quinze dias, um plano geral de transportes em todas as linhas ferreas, que conduzem ás fronteiras portuguesas do norte e de leste, assim como ao campo de Gibraltar, determinando outrosim, quasi simultaneamente, que o pessoal da comissão geografica das Canarias retirasse para a metropole, afim de cooperar no levantamento topografico das folhas da carta militar da bacia do Tejo, no seu curso na provincia da Estremadura, diplomas estes publicados no orgão official do Ministerio da Guerra, de 8 e de 5 de setembro do ano findo <sup>1</sup>.

Comtudo, quem, com o animo sereno e despido de suspeitas infundamentadas, dadas as referidas afirmativas diplomaticas, quizer explicar aquella concepção organica, não deixará de encontrar argumentos adequados entre as varias considerações com

<sup>1</sup> Algumas medidas recentemente decretadas no exercito espanhol pelo Ministro da Guerra, General Luque. *Revista Militar*, n.º 10, de outubro de 1916, pag. 685.

que a Junta de Defesa Nacional fundamentou a circunscrição militar proposta. Nós seremos também, sob a mesma reserva mental, que Gambeta aconselhava outrora aos seus compatriotas — *«Pensons-y toujours, n'en parlons jamais»* —, dos que entendem necessario não levantar no presente momento historico recriminações entre os dois povos peninsulares, aceitando todas as explicações acalmantes, ainda as de apparencia menos verosimil, repelindo por descabida a asserção contida no conhecido conceito castelhano:

El mundo comedia es  
Y los que ciñem laureles  
Hacen primeros papeles  
Y á veces el entremés.

Temos até aqui falado do exercito de primeira linha ou primeiro choque, e indispensavel se torna, para saciar a natural curiosidade dos leitores, certamente raros, que costumam demorar a atenção nos assuntos, que interessam á vida internacional dos dois Estados peninsulares, descrever os termos gerais do projectado exercito de segunda linha, que formará as tropas de reserva, nos quais se encontrará nova coincidência com os factos precedentemente apontados, digna, portanto, de meditação.

Em cada uma das oito regiões militares continentais será organizada uma divisão de reserva, constituida por duas brigadas de infantaria, compostas de dois regimentos a dois ou três batalhões, dois esquadrões de cavalaria, um regimento de artilharia, um grupo de engenheiros, outro de tropas da intendencia e uma ambulancia divisionaria.

Excepcionalmente, será organizada em cada uma das 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> regiões (fronteira portuguesa) e na 3.<sup>a</sup> (intermedia) mais uma brigada de reserva de infantaria independente, além das normais, a qual «— puede ser agregada a una división de la region respectiva o quedar afecta á la defensa móvil de las bases navales» —.

Para o comando das varias divisões constituidas por brigadas de reserva estarão designados, desde o tempo de paz, os

generais das respectivas categorias, que as devem comandar, o que demonstra o firme proposito de lhes dar vida real.

O exercito de reserva, constituído nos delineamentos apontados, formando 8 divisões com 19 brigadas, compreenderá 38 regimentos com 108 batalhões, de quatro companhias cada um, cuja distribuição na Peninsula não será, por certo, ocioso mencionar, pelo que se indicam seguidamente as regiões a que ficarão pertencendo:

#### **Fronteira francesa**

- 4.<sup>a</sup> região (Barcelona), 4 regimentos de reserva (n.ºs 19 a 22).
- 5.<sup>a</sup> » (Saragoça), 4 » » » (n.ºs 23 a 26).
- 6.<sup>a</sup> » (Burgos), 4 » » » (n.ºs 27 a 30).

#### **Região intermedia**

- 3.<sup>a</sup> região (Valencia), 6 regimentos de reserva (n.ºs 13 a 18).

#### **Fronteira portuguesa**

- 1.<sup>a</sup> região (Madrid), 6 regimentos de reserva (n.ºs 1 a 6).
- 2.<sup>a</sup> » (Sevilha), 6 » » » (n.ºs 7 a 12).
- 7.<sup>a</sup> » (Valladolid), 4 » » » (n.ºs 31 a 34).
- 8.<sup>a</sup> » (Corunha), 4 » » » (n.ºs 35 a 38).

Aí fica revelada a coincidência a que precedentemente se fez referência. Analogamente ao ocorrido com as tropas activas, ao passo que, para a guarnição da fronteira francesa, se destinam apenas 3 divisões de reserva, formando cada uma duas brigadas de 2 regimentos, para a da fronteira portuguesa são destinadas quatro divisões, com dez brigadas, ou sejam 20 regimentos. A' região intermedia é destinada apenas uma divisão, constituída por três brigadas, formadas de 6 regimentos, a qual facilmente reforçará as tropas destinadas á guarnição da nossa fronteira, o que equivale á reprodução do ocorrido com as tropas de primeira linha, isto é, que sejam destinadas á guarnição da fronteira portuguesa os dois terços das tropas de reserva, ficando o terço restante para guarda da fronteira francesa.

Que havia o firme proposito de dar vida real ás tropas de reserva, ficou dito anteriormente, e agora buscaremos demonstra-lo melhor com novos elementos, claramente produzidos pelo Estado Maior Central no seu elucidativo relatório. Na vigente lei de recrutamento haviam já sido lançadas as bases para que se realizasse a solida constituição daquelas tropas, porquanto, determinando a lei anterior, que só ficassem encorporadas nas tropas de reserva, durante seis anos, as praças que houvessem feito parte das tropas activas, segundo a nova lei aquele tempo será passado na situação indicada, não só por estas, mas por todos os mancebos que hajam recebido instrução militar, tenham ou não passado pelas tropas activas.

Ora, as estatisticas affirmam existirem actualmente na reserva 593.405 homens, dos quais receberam instrução :

Na infantaria, 65 por 100, ou sejam .	255.715
Na cavalaria, 8 por 100, ou sejam . .	31.472
Na artilharia, 14 por 100, ou sejam .	55.076
Na engenharia, 7 por 100, ou sejam .	27.538
Na intendencia, 4 por 100, ou sejam .	15.736
Na saude militar, 2 por 100, ou sejam	7.768
Total . . . . .	393.305

Dispondo de recursos em tão larga escala, o primeiro pensamento concebido pela Junta de Defesa Nacional, de dar o efectivo de 1.000 praças a cada um dos batalhões de infantaria de reserva, foi logo ampliado pelo Estado Maior Central, constituindo aquelas unidades com 2.500 homens, a fim de conseguir que, em caso de guerra, elas se possam desdobrar em dois batalhões, quando sejam mobilizadas todas as seis classes da reserva, ou constituir sómente um, quando apenas sejam mobilizadas as três primeiras.

Na cavalaria serão constituídos oito regimentos de reserva, um por região, ao qual devem pertencer todos os soldados da arma, que tenham recebido instrução, residam na area respectiva e pertençam á reserva. Calculam-se em 31.000 o numero de praças nestas circumstancias, excessivo para as unidades projectadas. Mas nem sequer se tenta organizar novas unidades suplementares, ou ainda cavalaria de reserva indepen-

dente, por se reconhecer mui sensatamente a duvidosa eficacia dessas improvisadas tropas e a grande dificuldade, que haveria em as dotar com os elementos necessarios. Assim, a organização da cavalaria de reserva limitar-se-ha aos indicados regimentos divisionarios, aproveitando-se os reservistas sobrantes para prestarem serviço de condutores nos corpos de artilharia, na intendencia e nos serviços de saude.

Na artilharia serão igualmente constituídos oito regimentos de reserva, com o numero de batarias montadas, de montanha e pesadas de campanha, que as circunstancias permitam, aos quais pertencerão as praças que hajam recebido instrução nas tropas efectivas da arma e tenham residencia na respectiva area. Tambem se calculam em 55.000 as praças reservistas procedentes das tropas activas de artilharia de campanha e de praça e costa, das quais 40.000 oriundas daquela e 15.000 desta ultima. Por motivos identicos aos que ficaram indicados para a cavalaria, não se organizam os quadros suficientes para utilizar todas essas praças, e apenas as indispensaveis para correccionar as forças das diferentes armas, que devem constituir cada divisão de reserva. As sobrantes ficarão reunidas em depositos, com o fim de serem aproveitadas onde e quando as circunstancias o exigirem.

As tropas reservistas de engenharia, em vista dos variados serviços, que competem á respectiva arma, os quais exigem instrução e aptidão variadas, receberão organização semelhante á das unidades activas. Haverá:

Quatro batalhões de sapadores mineiros, em que serão incorporados os reservistas procedentes das correlativas tropas activas, cada um dos quais corresponderá ao territorio de duas divisões, desdobrando-se no momento da mobilização e fornecendo assim as unidades necessarias para a organização de cada uma delas;

Um batalhão deposito de caminhos de ferro, affecto ao respectivo regimento activo, ao qual pertencerão os reservistas oriundos, não só deste ultimo, mas dos serviços tecnicos das companhias ferro-viarias, qualquer que seja a unidade donde procedam;

Um batalhão de reserva de telegrafia, radiotelegrafia e iluminação, para os reservistas procedentes das unidades destas especialidades; e, finalmente,

Um batalhão para as tropas de aviação e aerostação, companhias de artifices, brigada topografica e batalhão de pontoneiros.

Todas as unidades activas dos corpos da intendencia, da saude, da brigada de artifices e topografica possuirão um deposito, no qual serão reunidas as praças, que tenham passado á reserva.

Dissemos que as tropas com a séde no continente eram destinadas exclusivamente á guarnição da metropole, sendo creadas outras especiais para as demais regiões insulares da monarchia. Oportuno se torna, portanto, dar ainda indicação, embora ligeira, da constituição desses elementos suplementares do poder militar espanhol.

Aludiremos, primeiro, ás guarnições dos arquipelagos das Baleares e das Canarias, organizadas com caracter simplesmente defensivo, utilizando para tal fim os elementos existentes em cada ilha. A região das Baleares compreenderá:

Na ilha Maiorca: 2 regimentos de infantaria (Palma e Inca) com 2 batalhões activos e 1 em quadros; 2 zonas militares, cada uma com 2 batalhões de reserva e 1 deposito de recrutas; 1 grupo de 3 esquadrões (1 activo, 1 em quadros e outro de reserva); tropas da comandancia de artilharia de Maiorca, tendo administrativamente afecto um grupo de artilharia montada e outro de montanha, cada um com 1 bateria activa, outra em quadros, outra de reserva; uma companhia de sapadores de praça e outra de telegrafos, ambas activas, cada uma das quais possuirá o seu deposito, os quais, na ocasião da mobilização se transformarão em duas novas companhias; finalmente uma secção activa e outra de reserva de tropas de intendencia e de saude.

Na ilha Minorca: 1 regimento de infantaria com 3 batalhões activos e 1 deposito de recrutas; 1 secção de cavalaria destacada do esquadrão da Maiorca; tropas da comandancia de artilharia da Minorca, á qual estará afecto um grupo montado de artilharia, com 2 baterias activas e 1 de reserva; 1 companhia de sapadores de praça e outra de telegrafos; 1 secção de tropas da intendencia e outra de saude militar.

Em Ibiza: 1 batalhão com 2 companhias activas, uma delas de metralhadoras e 2 em quadros, e uma zona militar com 1 batalhão de reserva e 1 deposito de recrutas.

Com respeito ao arquipelago das Canarias, a respectiva guarnição será a seguinte:

Ilha de Tenerife: 1 regimento de infantaria a 2 batalhões activos; 1 zona militar, com 2 batalhões de reserva e um deposito de recrutas; 2 esquadrões de cavalaria (1 activo e outro de reserva); tropas da comandancia de artelharia e, affecto a ela, um grupo de montanha de 1 bateria activa, outra em quadros e uma terceira de reserva; 1 companhia de sapadores de praça e outra de telegrafos, com 1 deposito de reserva, base de outras 2 companhias mobilizaveis, e 1 secção activa e outra de reserva de tropas da intendencia e saude militar.

Ilha da Grã-Canaria: O mesmo numero de unidades, com identica organização ás da ilha de Tenerife.

Ilha da Palma: 1 batalhão com 2 companhias activas, das quais 1 de metralhadoras e 2 em quadros; uma zona militar com 1 batalhão de reserva e 1 deposito de recrutas.

Ilhas Gomero e Ferro: 1 batalhão de reserva com 1 companhia em quadros e 3 de reserva e um deposito de recrutas.

Ilhas de Lanzaroté e Fuerteventura: cada uma terá 1 batalhão de reserva e 1 deposito de recrutas.

Pelo que diz respeito ao exercito colonial de Africa, a sua definitiva constituição dependerá da missão destinada á Espanha na zona do protectorado marroquino, devendo ser formado por tropas peninsulares e indigenas, procedentes na maior proporção possivel do voluntariado. Por emquanto, o territorio occupado em Marrocos considerar-se-ha devidido em tres zonas: Tetuão-Ceuta, Melila e Larache, sob o comando de um general em chefe.

Em cada uma das zonas de Tetuão-Ceuta e Melila serão organizados 2 regimentos de infantaria, e 1 na de Larache. Cada regimento constará de 3 batalhões de 6 companhias, de uma dita de metralhadoras de 3 secções, e de uma secção de artifices e explosivos, com o efectivo aproximado de 3.600 homens por regimento.

As forças de cavalaria serão formadas: por 1 regimento de 6 esquadrões, na zona Tetuão-Ceuta; por 2 regimentos de 5 esquadrões, na de Melila, e outro igual, na de Larache. Estes regimentos terão a força necessaria para que cada esquadrão possa contar com 150 cavalos e 170 homens.

A artilharia compreenderá: o regimento mixto de Melila, com 6 baterias de montanha e 2 montadas; o regimento mixto de Ceuta, com 6 baterias de montanha e 2 montadas; o regimento de Larache, com 3 baterias de montanha e 2 montadas. Cada regimento destes disporá de uma coluna de munições.

Em cada uma das zonas de Melila e Tetuão-Ceuta haverá 1 regimento mixto de engenharia, com 1 batalhão de sapadores mineiros e outro de comunicações, formado por 3 companhias de telegrafos e 1 de serviços especiais.

Com respeito a serviços da intendencia, a comandancia de Melila disporá de 1 companhia de praça, 2 montadas, 1 automobilista e 3 de montanha, e a de Larache de 1 companhia de praça, outra montada com 1 secção automobilista e 3 de montanha.

O serviço de saude disporá de 1 companhia mixta, nos territorios de Melila e Larache, e de 2 nos de Tetuão-Ceuta. Todas elas terão 1 secção de praça, outra montada e 3 de montanha, excepto a de Ceuta, que contará sómente 2 desta ultima especialidade.

As forças regulares indigenas constituirão 4 grupos, dos quais haverá 1 em cada uma das zonas de Melila e de Larache, e 2 na de Tetuão-Ceuta. Cada grupo constará de 1 companhia de 3 secções de metralhadoras, servidas por espanhois, 3 *tobores* de infantaria a 3 companhias, e de 1 *tabor* de cavalaria com 3 esquadrões e o correspondente trem.

Como simples experiencia, será organizada uma legião estrangeira, composta de 3 companhias de infantaria.

O terceiro escalão constitutivo do poder militar espanhol, denominado Exercito territorial, não recebe, por emquanto, a devida organização. Por virtude do disposto na lei vigente do recrutamento, os mancebos, que foram alistados em 1912, só em 1927 devem passar áquele exercito. Mas essa lei fornece efectivos muito superiores aos que permite aproveitar a potencialidade economica da nação. Nem as unidades e quadros do exercito de primeira linha são suficientes para mobilizar os 650.000 homens em condições de fazerem parte do exercito activo, nem os quadros de reserva bastam para mobilizar tambem os 390.000 reservistas, que se calculam ser os existentes. Consequentemente, porque a mobilização de tais forças não póde ser imediata, e porque apenas a experiencia póde determinar o melhor destino

a dar aos respectivos elementos componentes, a constituição do dito escalão limitar-se-ha a constituir depositos de reserva nas diversas regiões, cuja especificação não merece registo especial.

Já outra atenção mais especial oferece o modo como se cuidou de assegurar a defeza das tres bases navais espanholas, que são Cadiz, Cartagena e Ferrol. Em cada uma delas serão constituídos: 1 regimento de infantaria a 2 batalhões activos e 1 de deposito; 1 comandancia de artilharia de costa com 1 deposito de reserva; 1 companhia de artifices de praça, afecta á comandancia de engenheiros, e 1 secção de deposito para as tropas da intendencia e outra para as sanitarias. O recrutamento destas forças será regional, afim de assegurar a sua mobilização rapida.

Tais são, no seu delineamento geral, os termos da reorganização do exercito espanhol, o qual, com o acordo já manifestado dos chefes dos partidos dominantes, só aguarda o momento oportuno para entrar em discussão no parlamento. Não nos cumpre fazer a apreciação tecnica desse trabalho, porque cada país adota as leis acomodadas ás suas circunstancias, usos e costumes, correndo grave risco de que elas não tenham efeitos praticos, quando assim não succede. E a apreciação politica não é este o momento de a fazer. O leitor a fará, por certo, baseando-a nos proprios termos em que aquella lei está concebida, que textualmente deixámos transcritos nos pontos essenciaes, para que todos os possam apreciar a seu sabor. Em compensação outras informações temos ainda a registar.

Duas são as dificuldades contra as quâis os respectivos poderes publicos poderiam ter que lutar para a execução da reforma urdida. Refere-se a primeira á existencia dos quadros indispensaveis para dar vida real ao pensamento concebido. Um mapa cuidadosamente elaborado demonstra, porém, que o inconveniente apontado não é de reccar, vistos os numeros comparativos, que seguidamente transcrevemos:

Postos	Quadros propostos	Officiaes existentes
Coroneis.....	409	555
Tenentes-coroneis.....	858	1.161
Comandantes.....	1.792	2.360
Capitães.....	4.031	5.772
Subalternos.....	6.328	5.812
Todos.....	13.418	15.661

Sob este ponto de vista não encontra dificuldades, portanto, o plano concebido. E' certo que, em determinadas armas e serviços, haverá faltas de oficiais de certas graduações, mas como não são excessivas, a importancia da despesa redundante cabe perfeitamente dentro da economia que deriva das sobras apontadas.

Mas a poderosa maquina concebida exige ainda consideravel material de guerra, e é essa a segunda das dificuldades apontadas. O Estado Maior Central cuidadosamente orçou o seu custo, para um exercito mobilizado de 600.000 homens, tomando em conta o existente e os recursos que a requisição deve proporcionar. Sem contestar a influencia, que pode ter nos calculos produzidos a experiencia da guerra actual, chegou á conclusão de serem indispensaveis:

- 2 espingardas por homem ;
- 1 metralhadora de reserva por maquina em serviço ;
- 10 por 100 dos canhões na actividade para substituição destes ;
- Munições para entrada em campanha, na razão de 1.500 cartuchos por espingarda e de 100.000 por metralhadora em serviço.

Não foi designado expressamente todo o demais material necessario, mas não deixou de ser devidamente apontado em globo no orçamento elaborado, que se eleva a 1.094.663.110 pesetas<sup>1</sup>. Como os recursos ordinarios não bastariam para fazer face a tão elevado encargo, o Estado maior central classificou em três categorias de urgencia o material a adquirir: o necessario para imediatamente organizar em pé de paz as novas unidades ou seja, 67.828.411; o que deve ser distribuido em dez anuidades, cada uma de 264.492.633, e o de menor urgencia, que poderá ser distribuido por vinte orçamentos, cada um na importancia de 762.342.066.

Recordar-se-hão os leitores, por certo, de precedentemente havermos noticiado haver a Espanha feito aquisição de consideravel quantidade de material de guerra, durante a presente guerra, e já depois de urdido o orçamento exposto. Natural se nos afigura, portanto, que esse material tenha sido, quando

<sup>1</sup> O plano não refere a unidade monetaria, que só deixamos mencionada por constituir a que serve de estalão nacional.

menos, o classificado na primeira das três categorias indicadas, isto é, o indispensavel para dar execução imediata á reorganização militar concebida. O restante será adquirido exclusivamente no país, recorrendo ás fabricas do Estado e á industria civil, visto ambas disporem de elementos, que torna desnecessario o recurso ao estrangeiro.

Quando fica exposto representa apenas um ligeiro aspecto da nova epoca mundial, que vai seguir ao término da guerra actual. Anunciaram os filantropos que esta seria a ultima presenceada pela humanidade, pois que a paz geral e perene redundaria do aniquilamento completo de um dos grupos contendores e das novas bases em que ficaria assente o equilibrio das nações. Proclamou analoga doutrina o chefe respeitado de um dos mais poderosos estados do mundo, que seguia a contenda com o proposito deliberado de vir a assumir o papel de medianeiro e assegurado da cubiçada paz, sem se mostrar convencido de que a luta universal seja uma lei natural, a que estão subordinados todos os seres vivos, cujos efeitos promove e incita a heterogeneidade da constituição mental das varias raças, que torna incompativeis os respectivos sentimentos, ideias, instituições, crenças e artes <sup>1</sup>. A insubsistencia deste optimismo tornou-se agora evidente, ao vêr o aludido chefe de Estado, sempre alheio ás contendas travadas entre as nações europeias, coagido por causa delas, não só a propor ao parlamento o engrandecimento do poder militar nacional, mas a levar a mão ao punho da espada em um gesto de varonil decisão, para assim fazer respeitar o que julga serem direitos e são, tambem, os incontestaveis interesses do povo a que preside.

Que a lição cale no espirito de todos os pertinazes filosofos e filantropos, que não deixam de sonhar na paz universal, é o nosso ardente desejo. Ha de dar-lhes outra, ainda mais eloquente, o estado geral de preparação militar, que deve seguir á contenda, que vai travada, quaisquer que sejam as combinações pacifistas que venham a ser adotadas.

<sup>1</sup> Viver é lutar. *Revista Militar* n.º 8, de agosto de 1916.

O primeiro pronuncio aí fica exposto na attitude da Espanha, que é outra das nações, que mais tenazmente tem proclamado a necessidade da manutenção da paz, pelo proposito da neutralidade guardada. Foi o país inteiro que, ha dias, pela boca dos seus edís, manifestou ao soberano o ardente anelo, de que ele se constitua — «o farol que guie a Espanha para que seja o que foi noutros tempos» —. Essa restauração da grandesa nacional só pode ser obra, porém, de um poder militar fortemente constituido e gloriosamente utilizado. No cerebro dos mais afamados estadistas e generais actuais foram tracejadas as bases, e nas oficinas do Estado Maior General manipulado o desenvolvimento desse novo organismo. Temerario seria prevêr, desde já, a obra que ele terá de executar, mas pelo que fazemos votos sinceros é que desse poder restaurado, na sequencia dos tempos, se possa dizer o que da espada do nosso D. Nuno Alvares Pereira foi afirmado, em uma das obras primas da nossa literatura, e é que — «a ninguem ferirá sem justiça, nem poderá defender uma causa má e reprovada» —. Com esta aspiração se identificam inteiramente os propositos de perfeita harmonia, que entre os dois povos peninsulares têm assegurado existir as mais distintas individualidades, que hoje compartilham da direcção dos negocios publicos no reino visinho, e que tão sympathicamente têm sido acolhidas no nosso país, a cujo povo bem se póde aplicar, ainda nas suas expansões menos reflectidas, o conceito da canção do Alfageme de Santarem:

«A quem tem alma, a quem não teme  
O nosso fogo não póde queimar.»

General MORAES SARMENTO.

# Problema tático

## Serviço de saúde

No numero 10, de 1916, da *Revista Militar*, foi por nós publicado um problema tático-sanitário dentro da marcha ofensiva duma divisão, acompanhado do desenvolvimento dos pontos que julgámos mais interessantes tratar, para assim salientarmos os trabalhos de direcção dum chefe do serviço de saúde divisionario, numa marcha. Prometemos, então, trazer ás paginas da *Revista*, um outro trabalho, compreendendo a applicação do serviço de saúde num combate ofensivo duma divisão. Procurando satisfazer esse compromisso, damos agora publicidade a um tema sobre combate correlacionado com o da marcha, e a respectiva resolução na parte que especialmente interessa á acção do chefe do serviço de saúde divisionario.

Escolhemos um caso concreto de combate ofensivo, por serem estas situações as que dão ensejo a maior esplanção sobre a forma de interpretar e aplicar a doutrina dos regulamentos e que melhor põem em relevo certas situações, que, embora devam ser solucionadas pelos preceitos regulamentares, estes não lhes são por si só suficientes, para conduzirem á solução propria, exigindo por isso que, dirigentes e executantes possuam inteligente iniciativa, e desta saibam usa-la e, tambem, criterio de adaptação das disposições regulamentares para conseguirem a solução mais proveitosa. Os regulamentos servem apenas como orientadores, não podendo nem devendo apresentar-se, nem considerar-se como panacea para todos os casos que se nos deparem e tenhamos de resolver.

Os exercicios ofensivos dão ainda motivos para em curto prazo de tempo se resolverem problemas interessantes derivados da necessidade de: desdobrar a coluna de estrada em diversas colunas nas zonas de combate; calcular a distribuição das formações e mais elementos sanitarios por essas zonas;

fixar os pontos de saída da estrada; determinação de situações de espera e de situações definitivas para a montagem dos diversos serviços; e muitos outros casos, todos subordinados ao espaço e a condições restritivas de tempo, que não se encontram com tanta facilidade e variedade nos estudos compreendidos na defensiva.

Pondo de parte a defensiva passiva que exclue qualquer movimento de forças, na defensiva activa há, sem duvida, também, pontos curiosos para se estudarem, mas, como regra, a defensiva é planeada e preparada com tempo e este em condições de permitir certa facilidade no estudo das questões que se apresentam, o que se não dá, geralmente, na ofensiva.

O chefe de serviço de saúde que resolver sem hesitações os diversos problemas que na ofensiva se lhe deparam, ganha a absoluta confiança e certeza de que em qualquer situação defensiva não terá embaraços; a reciproca, porém, não é verdadeira. E não é verdadeira, porque os primeiros problemas são solucionados dentro de curto prazo de tempo e, normalmente, debaixo de certo grau de excitação nervosa creada pela situação, ao passo que nos problemas defensivos basta a consideração favoravel do tempo de que se dispõe para tornar tudo muito menos complexo e permitir por vezes consultas e rectificações ás deliberações tomadas. O tempo é da maior importancia em todos os problemas de applicação militar, sendo a arte de bem o aproveitar uma das mais dificeis de se cultivar e adquirir.

Na defensiva é possivel que o desperdicio de tempo não traga consequencias de importancia; porém, na ofensiva, a mais insignificante falta que motive perda de tempo reflete-se com gravidade nas resoluções que se adotem.

A ofensiva é incompativel com a ignorancia e com a hesitação.

Por todas estas razões, fomos levados a desenvolver antes um tema ofensivo do que um defensivo.

Como dissémos, o tema que a seguir apresentamos, está intimamente ligado com o que se encontra no numero 10, de 1916, desta *Revista*.

Os temas para o estudo e adaptação dos diversos serviços, principalmente na parte relativa ao combate, não devem limitar-se a indicar a missão das tropas e a sua distribuição ini-

cial; é indispensavel que contenham indicações, preconizando os diversos escalonamentos e movimentos das tropas e as horas a que se iniciam e terminam os periodos mais importantes da luta para, com esses dados, se poder encaminhar a resolução. Não sendo assim, apresentado o problema, haverá necessidade de préviamente se resolver a parte tática das tropas para se obterem elementos para a parte relativa aos serviços, perdendo o tema exposto dessa maneira todo o interesse e utilidade.

Elaborado o tema sobre combate subordinado á orientação que indicámos, o problema pode compreender um exercicio completo, indo desde a concentração ou desenvolvimento inicial para combate até á perseguição, ou apenas parte dos movimentos que se passam entre aqueles dois limites. Em qualquer dos casos é absolutamente indispensavel que o tema seja preciso nos dados que apresente, indicando-os sempre em função do tempo e da situação tática.

Baseados nas razões expostas, demos ao tema a seguinte redacção:

Cartas  $\frac{1}{20000}$  n.ºs 7—8—12—13

### **Tema geral**

Forças do Partido Norte perseguem o Partido Sul, que, retirando sobre Lisboa, se dispõe a oferecer resistencia na linha Caxias—Alfragide—Luz—Lumiar—Sacavem.

### **Tema particular**

A's 13 h. do dia 20 de abril, a guarda avançada da 6.<sup>a</sup> divisão do Partido Norte, em marcha pela estrada Sabugo—Belas—Queluz, tendo repellido algumas forças do partido oposto que defendiam o desfiladeiro de Carenque, prosegue para Sul e consegue instalar-se na linha alto de cota (135), 500<sup>m</sup> a E. de Queluz—C. de S. José da Amadora—Venteira.

O comandante da divisão inteirado, pelas informações da sua cavalaria, que tem a essa hora o grosso em Queluz e, pelo combate da guarda avançada, de que uma divisão do Partido Sul está entrincheirada na encosta Norte da Serra de Alfragide desde Neudel—Moínhos da Atalaia, resolve atacar esta posi-

ção, dando para isso a ordem de combate adiante reproduzida.

Partido Norte Quéluz-Belas 20-IV-916

6.<sup>a</sup> Divisão ás 13 h. 10 m.

1.<sup>a</sup> Repartição

N.º...

### Ordem para o combate para 20

#### Distribuição das tropas:

##### 1.<sup>a</sup> zona:

Comandante, coronel  
do 2.<sup>o</sup> regimento.

2.<sup>o</sup> regimento.

1 bateria de metralha-  
doras.

##### 2.<sup>a</sup> zona:

Comandante, coronel  
do 3.<sup>o</sup> regimento.

3.<sup>o</sup> regimento.

##### 3.<sup>a</sup> zona:

Comandante, coronel  
do 1.<sup>o</sup> regimento.

1.<sup>o</sup> regimento, menos  
um batalhão.

1 bateria de metralha-  
doras.

##### Reserva geral:

1 bateria de metralha-  
doras.

1 batalhão do 1.<sup>o</sup> regi-  
mento.

4.<sup>o</sup> regimento.

I—**Situação**—Uma divisão do Partido Sul, to-  
mou posição na encosta Norte da Serra  
de Alfragide desde Neudel—Moínhos da  
Atalaia.

A guarda avançada tendo repellido forças do  
Partido Sul que guarneciam os desfila-  
deiros de Carenque atingiu a linha cota  
(135), 500<sup>m</sup> a Leste de Queluz—C. de S.  
José da Amadora—Venteira—Amadora.  
A cavalaria de segurança ocupa Queluz.

II—**Fim**—Atacar a divisão inimiga, actuando  
especialmente sobre o seu flanco esquerdo.

#### III—**Disposições**—A) *Cavalaria*.

a) *Cavalaria de segurança* procurará manter-se  
a S. O. de Queluz.....

b) *Cavalaria de protecção* a Leste da Amadora.

#### B) *Destacamentos de segurança*:

a) *Guarda avançada*—A infantaria operará  
na 2.<sup>a</sup> zona logo que seja atingida pela  
infantaria, que se vai desenvolver no seu  
flanco esquerdo.....

b) *Destacamento de flanco*—Cessa a sua mis-  
são, a infantaria dirige-se para a 1.<sup>a</sup> zona;  
a cavalaria para a Amadora.....

C) *Infantaria*—a) 1.<sup>a</sup> zona, delimitada a Leste  
pela linha d'agua a Leste de Queluz—  
Afonso—Alfragide 1.<sup>o</sup> Δ (209) inclusivè;  
objectivo a esquerda inimiga, que procu-  
rará envolver.....

b) 2.<sup>a</sup> zona, delimitada a Oeste pela linha  
Afonso—Alfragide Δ (209) e a Leste pela  
linha Venteira—C. da Serra (exclusivè) e  
a Oeste pela linha Amadora—C. Brandão  
—Neudel.

- Objectivo, as forças inimigas para Leste do C. de Serra . . . . .
- D) *Reserva geral*— a) 4.º *regimento* a Oeste da estação Queluz—Belas;  
 b) *batalhão do 1.º regimento* proximo da estação da Amadora . . . . .
- E) *Artilharia*— a) 1.º *grupo* mantem-se na sua posição no alto dos Moínhos da Tenenta.  
 b) 2.º *grupo* toma posição no alto Abrahão . . . . .  
 c) 3.º *grupo* toma posição no alto de Carenque . . . . .
- F) *Engenharia*— a) *Sapadores mineiros* conservam-se em Ponte Pedrinha . . . . .  
 b) *Telegrafistas e projectores* vão situar-se a Leste do Pendão . . . . .
- G) *Serviço de saude*— . . . . .
- H) *Munições*—Centro de irradiação, Machados . . . . .
- I) *Trens regimentais*— . . . . .
- IV—**Local do comando**—M.ª da Peça.

Com.º da Divisão  
 F . . .

Transmitida por escrito, por ciclistas e ordens montadas, aos comandantes da cavalaria de segurança, da guarda de flanco e mais comandantes de unidades e chefes de serviço.

Exposto o tema, a ordem de combate que, relacionada com este, traduz não só as intenções do comando, mas ainda como este procura realiza-las pela distribuição inicial e missões dadas ás forças, resta-nos, para fornecermos todos os dados indispensaveis á resolução do problema, indicar a situação dos diversos elementos que operam conjuntamente com o serviço de saude e a disposição das forças até ao momento que estabelecemos para limite do nosso o trabalho. Para isso, supomos:

Que a E. T. E. é em Torres-Vedras funcionando aí desde 19/20;

Que a linha ferrea de Oeste é explorada até á estação de Sabugo a partir das 11 h. do dia 20, sevindo as estações da Malveira e do Sabugo de estações anexas,

Que o H. S. n.º 1, formado pela A. n.º 1 e C. H. n.º 1, foi

libertado no Gradil ás 8 h. do dia 20 e se encontra em marcha para Igreja Nova, como lhe foi determinado;

Que em Mafra continúa funcionando o H. S. n.º 2, formado pela A. n.º 2 e C. H. n.º 2;

Que os elementos sanitarios das unidades e formações sanitarias da divisão vão em marcha segundo as determinações da ordem para a marcha para 20 que se encontra no n.º 10, de 1916, desta *Revista*;

Que o combate travado pela guarda avançada, para se apossar do desfiladeiro de Carenque, foi muito violento, havendo por isso, na ocasião em que é dada a ordem, muitos feridos da guarda avançada e das forças do Partido Sul na zona limitada a Leste pela linha C. do Franco—Ponte de Carenque e a Oeste pela linha Belas—encosta Leste de Abrahão—Que-luz Belas;

Que ás 14 h. e 30 m. as forças destinadas á 1.ª zona, começavam a desenvolver-se e que o desenvolvimento das da 3.ª zona se iniciou ás 14 h.;

Que ás 16 h. e 30 m. a divisão tem as forças assim distribuidas:

**3.ª zona**: um batalhão desenvolvido com a linha de atiradores desde a cota (103) pela linha ferrea, outro batalhão pela linha ferrea e d'aí pela cota (122), a Sul do C. Brandão, e um terceiro batalhão a Sul da passagem de nivel da Amadora.

**2.ª zona**: dois batalhões desenvolvidos, um proximo e abaixo da linha definida pelo caminho que une as estradas passando pelo C. do Borel, outro já reforçado prolongando a direita até proximo da cota (124), parte de outro batalhão a coberto do alto cota (135).

**1.ª zona**: três batalhões do 2.º regimento avançando para atingir a frente definida pela cota (124), caminho a Sul dos Moínhos do Cascalho, um batalhão do 1.º regimento entre Afonso e Moínhos do Cascalho.

Dois batalhões do 4.º regimento prontos a sair da Matinha em direcção a Alfragide 1.º, seguidos por um outro batalhão.

Cavalaria de segurança a Oeste de Queluz de Baixo.

O esquadrão de cavalaria de protecção pelas alturas de Quinta de Bosque. A artilharia nas posições indicadas na ordem.

O problema compreende assim todo o trabalho a desempenhar pelo chefe do serviço de saúde da divisão do Partido Norte, desde que a guarda avançada travou combate no desfiladeiro de Carenque, atingiu depois a linha cota (135)—Venteira, até ao período de combate em que toda a frente da divisão está desenvolvida e aproximando-se da divisão do Partido Sul, prestes a dar-se o envolvimento do flanco esquerdo.

Estudando apenas o combate até este ponto, deixamos de prender a nossa atenção com os problemas que o chefe do serviço de saúde deveria solucionar se o tema compreendesse ainda o assalto á posição e sua ocupação, e se previsse também que as forças do Partido Norte perseguiriam as do Partido Sul. Se o tema abrangesse essas situações, o chefe de serviço de saúde teria talvez de determinar modificações nas situações das ambulancias e nos postos de transportes, e de pensar, além de outros assuntos, nas requisições para o levantamento de feridos findo o combate, enterramentos e saneamento do campo, pois que não poderia esperar pelo serviço da retaguarda para a execução desses ultimos trabalhos, visto ser pouco provavel aceitar-se que a divisão possa, na perseguição, ganhar muito terreno.

Limitamos, por agora, o estudo do serviço de saúde na ofensiva e levamo-lo apenas até ao período proximo do assalto á posição, para não alongarmos demasiadamente este artigo, guardando-nos para em outros, tratarmos dos assuntos que o completam.

Na resolução deste problema, seguiremos o metodo por nós já exposto, isto é, lido e fixado o tema, transportada para a carta e representada nesta a situação propria das forças e respectivas formações no momento inicial, iremos deslocando essas forças e formações orientados pelos dizeres do tema, sempre subordinados ás condições especiais do tempo e do espaço.

Sobre as possibilidades e necessidades de momento, se deduzirão as propostas a apresentar ao chefe do estado maior pelo chefe do serviço de saúde e, consequentemente, as determinações que este terá de transmitir ás formações que lhe são directamente subordinadas.

Vejamos, agora, como transportaremos para a carta a situação inicial dos elementos sanitarios da divisão.

Pelo tema, a divisão vinha em marcha pela estrada Monte-

lavar—Sabugo—Queluz e, para passar em Belas e seguir para Sul, teve a sua guarda avançada de travar combate com forças opostas que defendiam o desfiladeiro de Carenque.

Temos pois, em primeiro lugar, de determinar os locais em que se encontram as tropas e as formações da coluna de combate desde que a guarda avançada teve de atacar as forças opostas que defendiam o desfiladeiro de Carenque.

Sem nos preocuparmos com esse combate, o que, contudo, seria interessante fazermos sob o ponto de vista de aplicação de todos os elementos sanitarios que se encontram na guarda avançada, assunto este que está fora do trabalho que vimos desenvolvendo, e sem definirmos como foi previsto e executado o desenvolvimento e emprego das forças desse destacamento de protecção, limitar-nos-hemos apenas a fixar a situação das formações enquanto durar o ataque no desfiladeiro de Carenque.

A guarda avançada deveria empregar os seus primeiros escalões: cavalaria, flecha e extrema guarda avançada, que por ultimo teriam sido reforçados pelo respectivo grosso, empenhando-se assim no combate; na cauda do grosso da guarda avançada marchavam parte da A. n.º 3 e parte de C. T. F. n.º 2.

Quando os primeiros escalões da guarda avançada conseguiram entrar em Belas, este destacamento sanitario, que em marcha ia a mais de 3 k. do escalão mais adeantado, terá suspendido a marcha desde que começou o combate da guarda avançada; sendo assim, o destacamento encontrar-se-há naturalmente pelas alturas de C. da Carregueira e não proseguirá na marcha com a velocidade que trazia até então, enquanto a guarda avançada não se apoderar do desfiladeiro, salvo se para isso receber ordem.

Temos, assim, calculada a situação inicial do destacamento sanitario da guarda avançada.

—As formações que fazem parte do trem de combate em que local se encontrarão nesse momento?

As formações sanitarias do grosso da coluna marcham na testa do trem de combate da divisão, isto é, aproximadamente a 8<sup>h</sup>,5 do destacamento sanitario da guarda avançada, ou, em tempo, a duas horas e meia. Sendo assim, essas formações sanitarias deverão estar então proximo da povoação de Marlenas.

O comandante da divisão, diz o tema, só dá a sua ordem para combate ás 13 h. e 10 m., depois de a guarda avançada se ter apoderado da linha cota (135)—Venteira—Amadora. Mas, desde o começo do combate da guarda avançada com as forças que defendiam o desfiladeiro até ao momento em que fez transmitir a ordem para o combate, a divisão, que se encontrava escalonada pela estrada, não suspendeu a marcha e deveria ter recebido ordem para reduzir a profundidade e para se concentrar, se esta concentração tivesse necessidade de se efectuar, e, ao mesmo tempo, todas as forças e formações da guarda avançada deveriam ter caminhado para o Sul.

D'aquí vem perguntar-se: quais os locais em que se encontram o destacamento sanitario da guarda avançada e as formações do trem de combate ás 13 h. e 10 m.?

A nossa atenção deverá primeiramente incidir sobre a determinação do local do destacamento sanitario da guarda avançada. Para isso recorreremos ás considerações já feitas e aos dados do tema. Pelas primeiras, somos levados a determinar que o destacamento sanitario estaria pelas alturas do C. da Carregueira quando se iniciou o combate da guarda avançada; pelo tema, temos de julgar da aplicação que teria sido dada a esse destacamento sanitario em consequencia do combate. Ora, o tema diz-nos que grande numero de feridos ficaram na zona limitada a Leste pela linha C. de Francos—Ponte de Carenque e a Oeste pela linha Belas—encosta Leste de Abrahão—Queluz Belas. A esta indicação do tema devemos juntar ainda a consideração de que certas baixas mais se devem ter dado até que a guarda avançada se apossou da linha cota (135)—Venteira—Amadora.

O grande numero de feridos dos dois partidos que se bateram em Carenque, somado com os que se devem encontrar a Sul do desfiladeiro em consequencia do avanço da guarda avançada e, ainda, o estudo topografico do terreno, levaram o chefe do serviço de saude, que se encontrava na guarda avançada, a intervir na aplicação do destacamento sanitario.

Estudando a carta, vê-se que o terreno desde Belas até Queluz é cortado por duas ribeiras, a do Jamor e a de Carenque, separadas pela crista Moinhos da Peça—Moinhos da Tenenta, tendo a Leste desta, os altos de Carenque e dos Moinhos do Tojal e a Oeste o alto do Abrahão. As ribeiras for-

maim dois desfiladeiros em que passam as estradas. Das saídas do lado Sul destes desfiladeiros á posição em que se desenvolveu a guarda avançada não ha profundidade para se poder aí instalar o serviço sanitario da guarda avançada; estabelecê-lo nos desfiladeiros é inadmissivel, só em casos muito especiais se poderia justificar tal resolução, de modo que resta aproveitar a parte Norte dos desfiladeiros e a menos afastada possivel da zona em que ha grande numero de feridos.

A carta indica que se aproveite a povoação de Belas para aí se instalar o serviço sanitario da guarda avançada, sujeito comtudo ao grave inconveniente de haver necessidade de se fazer o transporte de feridos unicamente pela estrada que segue no desfiladeiro desde Pendão a Belas. Inconveniente bastante grave que mais se avoluma pela circunstancia de, pela mesma estrada e em sentido contrario, terem de passar as tropas que avançam de Belas para Queluz, ao que ajuntamos ainda a circunstancia de a estrada ser murada de alvenaria, o que vem tornar mais difficil o problema. Mas, não havendo outra solução, o chefe do serviço de saude propoz e foi aceite que a ambulancia n.º 3 se instalasse em Belas e ordenou que se estabelecesse no Pendão um posto de transportes.

Logo que a guarda avançada se fixou na linha cota (135) —Venteira— Amadora, estabeleceu com elementos sanitarios do regimento um posto de socorros na Ponte de Carenque e outro proximo da saída Norte de Queluz.

Encontrada esta solução para o emprego do serviço sanitario da guarda avançada, passou o chefe do serviço de saude a estudar os diversos problemas para applicação das formações do trem de combate da divisão.

Como dissemos, o ponto de partida para esse estudo é definido pelo lugar que occupam as formações na estrada de marcha no momento em que é dada a ordem e pela proporção exigida e em relação á distribuição que vai ser dada ás formações da coluna.

Já calculámos que as formações estavam aproximadamente pela altura da povoação de Morlenas quando começou o ataque da guarda avançada. Calculando-se agora que o avanço possivel do grosso da coluna permitiu que a testa deste attingisse o Pendão, ás 13 h. e 10 m., teremos, nesse momento, as formações sanitarias do trem de combate para Sul da Ser-

ração, entre esta aldeia e o C. da Carregueira, mas mais próximas daquela. Aí encontram-se: algumas viaturas da A. n.º 3 e da C. T. F. n.º 2; as A. n.ºs 4 e 5 e a C. T. F. n.º 1.

Com estas considerações, temos obtido os elementos necessários para representarmos sobre a carta a situação das formações sanitarias no momento em que é dada a ordem, e, sendo esta a situação das formações sanitarias do treni de combate, como devem ser applicadas estas formações em função da distribuição dada ás tropas pelo comandante da divisão?

Pela ordem para o combate, este realiza-se em três zonas, sendo a primeira, a julgada mais importante e em que, por consequencia, operam maiores efectivos, a que deve ser dotada com maior numero de elementos sanitarios. Para as duas outras zonas o serviço sanitario já estabelecido para a guarda avançada poderá bastar, reforçando-o se fôr necessario.

Assente a proporção das formações em relação ás tropas e ás missões destas, vejamos qual deverá ser a linha além da qual não convirá fazer a instalação das ambulancias. Esta linha não convém que fique tão proximo das tropas que o serviço nas ambulancias possa ser prejudicado não só pela acção dos projecteis, como ainda pelas oscilações, sempre certas, durante a luta; mas tambem não tão afastada, que reduza consideravelmente o rendimento do transporte dos feridos para as ambulancias. O terreno em que se faz o desenvolvimento da divisão e o seu progresso no combate é, por sua vez, um embaraço para a resolução desta parte do problema, por o transporte de feridos ter de se fazer pelas estradas que seguem pelos desfiladeiros utilizados, sem duvida, tambem pelas tropas e pelos serviços de reabastecimento de munições.

A carta indica que a linha formada pelas ambulancias deve ficar a Norte dos desfiladeiros e que não pode passar para Sul da linha definida pelas povoações Belas — Idanha — Agualva. Fixada esta linha, resta marcar a localização das ambulancias.

O chefe do serviço de saude divisionario, não devendo empregar desde logo senão as formações que sejam indispensaveis, principalmente tratando-se dum combate ofensivo, e ponderando a grande conveniencia em reduzir ao minimo possivel o transporte de feridos pelas estradas dos desfiladeiros,

resolve: reforçar a A. n.º 3 e a C. T. F. n.º 2 com as suas viaturas que vinham no trem de combate da divisão; que a A. n.º 4 se vá instalar na Idanha ou Venda Seca, acompanhada da C. T. F. n.º 1, e que a A. n.º 5 não ultrapasse Machados.

Não proseguiremos nas nossas considerações, sem chamarmos a atenção dos nossos leitores para o caso interessante que se apresenta neste exercício, que consiste na possibilidade de se instalar uma ambulancia antes da fixação dos postos de socorros a que mais directamente será destinada.

Com efeito, tendo-se travado a luta das tropas da guarda avançada com as que o Partido Sul dispusera para a defeza do desfiladeiro de Carenque e resultando muito violento este combate, grande numero de feridos dos dois partidos ficaram nessa zona em que se deu o combate. Por sua vez, a guarda avançada não se demorou nessa zona de terreno, porque tinha de proseguir na luta até se assenhorear do desfiladeiro e seguidamente adquirir uma posição mais ao Sul, para permitir e garantir a saída dos desfiladeiros ás tropas do grosso da coluna, para o que empregou todos os esforços de modo a reduzir ao mínimo o tempo para conseguir realisar esta parte de sua missão.

Estas considerações são de molde a mostrar que o serviço sanitario das unidades da guarda avançada, em vista da mobilidade imposta pelas circunstancias de ocasião ás forças que compõem este escalão, não pode fixar-se e cuidar com regularidade dos socorros aos feridos.

A zona desde Belas á posição cota (135) Venteira-Amadora, onde por fim se fixa a guarda avançada, é bastante funda, o que corresponde a dizer que o serviço de saude das unidades é por si só insufficiente para satisfazer ás necessidades desta situação. De modo que, quer o serviço regimental estabeleça ou não um posto de socorros no desfiladeiro, mesmo de character eventual, o serviço de saude da guarda avançada, representado pela parte da A. n.º 3 e parte da C. T. F. n.º 2, terá de se estabelecer logo que haja conhecimento de que o desfiladeiro está na posse da guarda avançada, o que, como vimos mostrando, se póde dar sem que esteja fixado algum posto de socorros. Esta circunstancia representa uma excepção muito especial e, por isso, julgamos interessante apontal-a. De-

mais, este facto tem sua influencia nas deliberações do chefe do serviço de saude divisionario.

Nos serviços de paz e nos primeiros tempos duma campanha o serviço de saude, impulsionado pelo sentimento de humanidade e não querendo poupar-se ás duras provas a que se sujeitam as tropas a que está adstricto, tem assim natural tendencia a infiltrar-se com as forças empenhadas em combate, prestando os seus valiosos serviços. Este fenomeno, que se reproduz em todas as campanhas, é tambem por todas elas reprovado por se reconhecer que não só os socorros assim prestados não são compensados em relação aos sacrificios sofridos pelo pessoal deste serviço, como a redução que sofre em resultado das perdas que experimenta operando muito proximo da linha de combate, vem agravar as consequencias sempre desastrosas da falta do pessoal do serviço de saude, que, ainda nos países melhor preparados, é sempre insufficiente no exercito de campanha.

Como o Partido Norte para chegar a aproximar-se de Lisboa já deveria ter tido larga experiencia da guerra, de crer é que não aproximasse demasiadamente os serviços sanitarios da linha de fogo durante a lucta no desfiladeiro de Carenque, lucta que diz o tema ter sido violenta, sujeita a flutuações e, portanto, incompativel com a fixação de postos de socorros antes da conquista dos desfiladeiros pelas tropas da guarda avançada.

Mais estas considerações veem corroborar o que atrás dissemos sobre a possibilidade de Ambulancia n.º 3 se instalar antes dos postos de socorros, embora este facto represente uma solução muito excepcional proveniente das condições especiais da lucta da guarda avançada, da necessidade de levar rapidamente o Partido Sul para fóra dos desfiladeiros e do aspecto pouco vulgar do terreno em que o combate foi travado.

A linha que definimos como limite para a situação das ambulancias é relativamente aproximada da frente de combate do Partido Sul, por isso que vão menos de 5<sup>k</sup> de uma a outra linha, distancia que é considerada não muito extensa nas ultimas campanhas chegando na guerra actual a situar-se algumas a 10<sup>k</sup> da linha de fogo. Mas não devemos esquecer que o terreno, pela sua configuração, exige o aumento da dis-

tancia se é plano, ou permite que esta se reduza consideravelmente se é bastante acidentado. No caso do problema, se as circunstancias o permitirem a ambulancia n.º 4 poderá vir instalar-se na Quinta do Porto.

O chefe de serviço de saúde, logo que sabe ter-se iniciado o combate da guarda avançada, manda um adjunto reconhecer as povoações que julgue vantajoso utilizar sob o ponto de vista do seu aproveitamento para o serviço de saúde, dando-lhe para isso as instruções necessárias.

Como antes do conhecimento pelo chefe do serviço de saúde, do encontro das forças da guarda avançada com as do Partido Sul que defendiam Carenque já deveria ter regressado do reconhecimento á estação de caminhos de ferro do Sabugo o adjunto que para ali tinha mandado na madrugada do dia 20, o chefe do serviço sanitario da divisão ordena ao outro adjunto, que o tem acompanhado até então, que vá reconhecer as povoações da Idanha, Venda Seca e Agualva, para o que lhe dá as seguintes instruções:

Partido Norte

6.ª Divisão

Repartição de Saúde

N.º ...

Machados 2-IV-916

às 11 h.

### **Instruções ao adjunto F.**

Marche imediatamente para Idanha, Venda Seca e Agualva e reconheça estas localidades sob o ponto de vista do seu aproveitamento para instalação de ambulancias.

Reconheça se os caminhos que de Idanha vão á estrada de marcha, á altura do C. da Carregueira, permitem a evacuação por viaturas.

Recolha por Belas-Pendão.

Acompanhe o quartel general.

F...

Tenente coronel medico

Com o estudo da situação feita sobre a carta, com as instruções expedidas, e, com o exame que vimos fazendo, temos percorrido os assuntos julgados mais importantes e que

mais especialmente devem ser encarados pelo chefe do serviço de saúde para solucionar os problemas relacionados com a aplicação dos elementos sanitários da coluna de combate. Falta-nos ainda estudar as questões relativas aos postos de transportes e a intervenção do chefe do serviço na distribuição dos postos de socorros, se for julgada conveniente essa intervenção.

Feita assim a apreciação geral do tema e analisadas as situações dos elementos sanitários, iremos proseguindo com método, apreciando os problemas pela sua ordem cronológica. E, assim, passaremos a definir as prescrições para a guarda avançada; seguidamente estudaremos a parte relativa ao grosso da coluna e ás formações afastadas da guarda da retaguarda e, por ultimo, apresentaremos a distribuição completa do serviço sanitario no campo de batalha.

As prescrições para a guarda avançada deveriam antes de transmitidas ser apresentadas sob a forma de proposta. E' claro que nas circunstancias especiais de situação e de tempo em que se realisa o combate de Carenque não será possível escrever-se e esperar a aprovação das propostas e, nestes casos, o chefe do serviço de saúde ou diz verbalmente ao chefe do estado maior como julga conveniente proceder, ou toma a iniciativa de dar solução ao caso que se lhe apresenta, transmitindo as suas ordens ás formações e dando em seguida conta do que determinou. Aceitando-se que foi este ultimo o caminho seguido, o chefe do serviço, reconhecendo vantagem em intervir na aplicação do serviço sanitario da guarda avançada, dá a seguinte ordem:

Partido Norte

6.<sup>a</sup> Divisão

Estrada de marcha

800<sup>m</sup> a sul de Belas, 20-IV-916

Repartição de Saúde

ás 12 h. 20 m.

N.º...

### **Ordem de combate para 20**

**I. Situação.**—As forças do Partido Sul, que defendiam o desfiladeiro de Carenque estão sendo repelidos para sul de Queluz.

A infantaria da guarda avançada está atingindo a posição cota (135)—Venteira—Amadora. A artilharia tomou posição nos M.<sup>os</sup> da Tenenta e no alto de Carenque.

II. **Fim.**—Prestar, especialmente, socorros aos feridos na zona em que se travou o combate da guarda avançada a leste e a oeste da ribeira do Jamor e preparar a sua evacuação para o Sabugo.

III. **Disposições.**—a) *Ambulancia n.º 3*, instala-se imediatamente em Belas; será reforçada com as suas viaturas que veem no trem de combate.

b) *Postos de transportes*, a C. T. F n.º 2 vae imediatamente estabelecer um posto de transportes na saída norte de Pendão junto á estrada; será reforçada com a parte da formação que vem no trem de combate.

c) *Maqueiros*, os da C. T. F. n.º 2 serão distribuidos pela zona em que se travou o combate, a leste e a norte da ribeira do Jamor e procedem sem demora ao levantamento e condução de feridos.

d) *Postos de socorros*, a artilharia estabeleceu dois postos de socorros, um no Pendão e outro no lugar de Carenque.

IV—**Local do Comando.**—Sigo para o Pendão.

Tenente coronel medico

F...

Transmitida por escripto ao chefe do destacamento sanitario da guarda avançada e aos medicos dos grupos de artilharia.

Transmitida esta ordem, o chefe do serviço acompanhando o quartel general é inteirado, pelo chefe do estado maior, das intenções do comandante da divisão e prepara-se para redigir a sua ordem. Nesta ordem, quando se trata dum combate ofensivo, deve aparecer apenas o que ha a determinar sobre o serviço de saude no momento em que ela é expedida, não se incluindo prescripção alguma além das absolutamente in-

dispensáveis para funcionamento do serviço quer das formações quer das tropas.

Por esta razão, na ordem de combate (referimo-nos á ordem inicial) apenas pôde aparecer a indicação dos locais para onde devem dirigir-se as ambulancias e respectivo itinerario, não representando, muitas das vezes, essas indicações senão situações de espera, que, depois, se tornam definitivas ou não no decorrer do combate.

A fixação dos postos de transportes e o agrupamento de postos de socorros, e outras medidas que exigem a intervenção do chefe do serviço de saúde, tais como: evacuações, ligações com o serviço da rearguarda, determinações da ambulancia a constituir-se em hospital de sangue, só poderão determinar-se sucessivamente por meio de ordens que completem a ordem inicial.

Esta forma especial de proceder é característica da ofensiva. Na defensiva, quando planeada, a ordem inicial, quer a do comando, quer a do chefe do serviço de saúde, são por si bastante pormenorizadas, contendo logo ao transmitir-se quasi todas as determinações necessárias para a execução do serviço de saúde.

Postas estas considerações, passamos a indicar as propostas que o chefe do serviço de saúde apresentava ao chefe do estado maior da divisão para serem inseridas na ordem para combate. E' claro que, nestas circunstancias de tempo e de situação, nem sempre é possível apresentar-se as propostas por escripto, mas, quando tal suceda, escrevem-se na primeira ocasião em que para isso haja tempo.

As propostas seriam, a nosso ver, as seguintes :

Partido Norte

6.<sup>a</sup> Divisão

Pendão 20-IV-916

Repartição de Saúde

ás 12 h. 45 m.

N.º...

### **Propostas para o combate**

para 20

- 1.<sup>a</sup>—Que o destacamento sanitario da guarda avançada não ultrapasse Belas onde se instalará uma ambulancia.

- 2.<sup>a</sup> — Que uma ambulancia e uma coluna de transportes se dirijam para a Idanha.
- 3.<sup>a</sup> — Que uma ambulancia não ultrapasse a povoação de Machados onde aguardará ordens.
- 4.<sup>a</sup> — Que a evacuação se faça pela estação do caminho de ferro do Sabugo, aproveitando-se a estrada Belas—Sabugo e o caminho Idanha— Quinta do Bom Jardim — C. da Carregueira—Sabugo.
- 5.<sup>a</sup> — Que as unidades que vão desenvolver-se a Oeste da linha ribeira a Leste de Queluz—caminho Afonso Serra d'Alfragide grupem os postos de socorros em Queluz.

F. ...

Tenente coronel medico.

Concordando o comando com as propostas apresentadas, foram transcritas na ordem para o combate da divisão aquellas que aí deviam ser reproduzidas. Seguidamente, o chefe do serviço redige e faz transmitir as suas ordens contendo todas as indicações necessarias para os chefes das formações e de serviço cumprirem com regularidade e sem duvidas o que a cada um lhes é determinado, orientando-os de modo a facilmente compreenderem o escalonamento do serviço durante o combate.

Sempre que seja possivel é de toda a vantagem, repetimos, o emprego da ordem unica. Insistimos neste ponto por ser de capital importancia.

Se na defensiva, como já dissémos, é quasi sempre possivel elaborar-se a ordem unica, ordem que em geral poucas determinações complementares exige, o mesmo não sucede na ofensiva.

Na ofensiva difficilmente o chefe do serviço de saude consegue possuir, nos primeiros momentos, meios que o orientem a poder formular o plano definitivo para a applicação do serviço que dirige e por que é responsavel. Apezar, porém, desta situação incompletamente definida, o chefe do serviço tem de dar ordens e subordina-las a um plano. Para isso, procurará dispor e escalonar o serviço de modo que, no decorrer da luta, seja levado a introduzir-lhe o menor numero de modificações, o que corresponde a distribuir os serviços com uma previsão

tal, que satisfaça ás diversas probabilidades que se calculem e que, para as não previstas, o dispositivo empregado facilite soluções prontas.

Conclue-se que na ofensiva o problema é muito mais complexo e que, como regra, não é viavel o emprego da ordem unica; mas, se esta não é possível, dever-se-ha solucionar o problema, aproximando-o tanto quanto ser possa da ordem unica, para o que se procurará fazer encerrar na ordem inicial o maior numero de prescrições, reduzir-se ao minimo os grupos de formações do que resulta menor numero de ordens complementares e especiais.

Resumindo, podemos dizer que na defensiva, a ordem inicial é geralmente completa, não exige o emprego de ordens complementares e é expedida com antecedencia bastante; na ofensiva, a ordem unica raras vezes tem possibilidade de se produzir, embora exista, por assim dizer, na mente do chefe do serviço desde que se inicia o combate.

Dentro do tema de combate ofensivo que tratamos, o chefe do serviço resolve o problema que tem deante de si, dando a seguinte ordem:

Partido Norte	Queluz Belas 20-IV-916
6. <sup>a</sup> Divisão	ás 13 h. 15 m.
Repartição de Saude	
N.º...	

### **Ordem de combate para 20**

**I. Situação.** — Uma divisão do Partido Sul ocupa a serra de Alfragide.

A guarda avançada está desenvolvida a sul dos desfiladeiros de Carenque. A artilharia nos Moinhos da Tenenta e no alto de Carenque. A cavalaria de segurança ocupa Queluz.

A divisão vai atacar a posição inimiga no terreno compreendido entre Queluz—Serra de Carnaxide e Amadora—Neudel.

**II. Fim.** — Socorrer os feridos na zona de combate e preparar a evacuação para norte da linha Belas—Idanha—Aqualva.

III. Disposições. a) *Ambulancias*: a n.º 3 estabelecida em Belas será especialmente destinada aos feridos da esquerda da linha de combate, sendo reforçada com as viaturas que lhe pertencem e veem junto do trem de combate; a n.º 4 avançará por Machados—Venda Seca para a Idanha onde se instalará quando o respectivo chefe julgar oportuno; será acompanhada pela C. T. F. n.º 1; a n.º 5, avança até Machados, onde aguardará ordens.

b) *Postos de transportes*; a C. T. F. n.º 2, que estabeleceu um posto de transportes na saída norte de Pendão, será reforçada imediatamente pela parte da formação que vem no trem de combate; a C. T. F. n.º 1, acompanhará a ambulancia n.º 4 e instalará postos de transportes onde o chefe da ambulancia determinar.

c) *Hospital de sangue*, destinar-se-ha para esse fim a ambulancia n.º 3, que ordenará directamente, quando julgue oportuno, á C. H. n.º 3 que está no Sabugo, que avance para Belas.

d) *Evacuação*. Pelas estradas e caminhos que vão á povoação do Sabugo, sendo daí os feridos transportados em automoveis para Mafra e em caminho de ferro para Torres Vedras. Dirige o serviço um medico adjunto do serviço de saude.

e) *Postos de socorro* — as unidades que desenvolvam no terreno de Oeste da linha d'agua que corre a leste de Queluz e caminho Afonsos—Serra de Carnaxide grupam os postos de socorros em Queluz.

#### IV. Local do comando. — Pendão.

F...

Tenente coronel medico.

Transmitida por escrito ao chefe do grupo de formações do trem de combate e ao chefe da ambulancia n.º 3.

Com as instruções, propostas e ordens já expostas, o chefe do serviço de saude divisionario atendeu ao emprego inicial do serviço sanitario da columna de combate.

Em seguida á columna de combate, afastado da guarda da retaguarda, vem em marcha um outro grupo de formações

constituído pela C. H. n.º 3 e pela S. H. B. que tinha recebido ordem, antes de se iniciar a marcha, de não ultrapassar a povoação do Sabugo. Ainda mais distante deve encontrar-se na estrada em marcha para o Sul, o grupo de formações constituído pela A. n.º 1 e C. H. n.º 1, que tendo partido do Gradil pouco depois das 8 h. do dia 20, deverá, ás 13 h. e 15 m., em que é expedida a ordem de combate, encontrar-se na Igreja Nova.

Deste ultimo grupo não podem ser exigidos novos esforços no dia 20, salvo se circumstancias muito especiais os exigirem, quanto muito, poder-se-ha ordenar que vá estacionar em Cheleiros ficando assim mais proximo da divisão. Mas, do primeiro é indispensavel cuidar-se em applica-lo assim como da secção de automoveis já aproveitada para a evacuação na madrugada do dia 20.

Para esse fim, o chefe do serviço de saude dá as seguintes ordens especiais.

Partido Norte	Pendão 20-IV-916
6.ª Divisão	ás 13 h. 30 m.
Repartição de Saude	
N.º...	

### **Ao chefe do grupo de formações n.º 3**

1.º A C. H. n.º 3, fica directamente subordinada ao chefe de ambulancia n.º 3, avançando para Belas quando este lhe transmitir essa ordem;

2.º A S. H. B., disporá das suas viaturas para servirem no transporte de feridos e avançará até á ambulancia n.º 3 conduzindo os feridos no Sabugo para d'aí serem evacuados para Mafra por automoveis, ou para Torres Vedras no caminho de ferro;

3.º A secção de automoveis avança até ao Sabugo para prestar serviço na evacuação para Mafra, directamente do Sabugo ou de Belas, como lhe fôr determinado pelo medico adjunto;

4.º Encontro-me no Pendão.

F. . . .

Tenente coronel medico.

No decorrer do combate, o chefe do serviço de saúde faria transmitir ordens complementares gerais ou simplesmente especiais, regularizando o emprego do serviço sanitario da divisão. Assim, definiria os serviços a desempenhar pelo pessoal sanitario da cavalaria e emprego do respectivo material; interviria na concentração de postos de socorros; rectificaria a situação dos postos de transportes; definiria a situação da ambulancia n.º 4 e a aplicação da ambulancia n.º 5 mandando-a ou não avançar de Machados; e, não esqueceria a conveniencia de aproveitar todos os meios para activar a evacuação.

Não apresentamos em forma de ordens todas essas e outras determinações do chefe do serviço de saúde divisionario para não tornarmos demasiadamente extenso este estudo.

Vamos, para rematar, indicar a distribuição dos diversos elementos sanitarios da divisão quando esta tem atingido a linha indicada no tema.

*Primeira zona.* Um abrigo de feridos em Afonsos, outro na linha da agua que desce do M.º do Cascalho para N.O. Um posto de socorros unico em Queluz proximo da ponte a norte do Palacio.

O pessoal e parte do material do 4.º regimento entrando na Matinha.

*Segunda zona.* Um abrigo de feridos a coberto do alto de cota (135) e um posto de socorros no C. Quintelas.

*Terceira zona.* Um abrigo de feridos a coberto do aterro do caminho de ferro e outro no C. do Borel; um posto de socorros proximo da estação do caminho de ferro.

*Artilharia.* Um posto de socorros em Carenque enviando os feridos directamente para a ambulancia em Belas; um posto de socorros na subida norte de Pendão; um posto de socorros na Q.ª de Belas, enviando os feridos directamente para a ambulancia n.º 3.

*Postos de transportes.* Um posto reforçado na Q.ª da Pascoa; um posto no Pendão destacando viaturas para Queluz-Belas e para o mais proximo possivel da Amadora.

*Ambulancias:* n.º 4 em Idanha; n.º 3, reforçada com pessoal da n.º 5, em Belas.

*Colunas de hospitalização:* n.º 3, em marcha para Belas para ir fazer parte do hospital de sangue.

\*

\*

\*

Um dos pontos interessantes deste problema é, a nosso vêr, o estudo da condução dos feridos dos postos de socorros da Amadora e do C. Quintelas para a ambulancia n.º 3, em consequencia do relevo do terreno que separa os postos da ambulancia e da necessidade de no trajecto ter de se transpor os desfiladeiros. Por esta circumstancia, o chefe do serviço sanitario desviou, tanto quanto lhe foi possível, para a Q.<sup>1a</sup> da Tascoa, o transporte do maior numero de feridos.

Vê-se neste trabalho que o terreno, as vias de comunicação e, ainda, a distribuição dada a artilharia na batalha, teem uma influencia consideravel na applicação do serviço sanitario, não sendo facil encontrarem-se soluções iguais adaptaveis a terrenos diversos, muito principalmente nas regiões acidentadas.

Novembro de 1916.

ANGELO CRUZ E SOUSA

Ten. cor. do Serv. de Est. Maior



## SERVIÇO DE SUBSISTENCIAS

Nem todos os dias se marcha, nem todos os dias se combate, mas todos os dias se come. De facto assim é, e é por assim ser que o serviço de reabastecimento de subsistencias tem uma importancia capital, maior dia a dia com os successivos aumentos de efectivos dos exercitos modernos. Já vae longe a teoria napoleonica, (que perdeu o grandê capitão na Russia) de que um exercito deve viver do territorio que atravessa. Actualmente isto é impraticavel, não só porque as enormes massas de homens e animais esgotariam num só dia a região mais rica e bem abastecida, mas tambem porque é hoje coisa corrente na guerra que um exercito em retirada destroe tudo quanto não possa levar, deixando por isso atraz de si sómente a devastação, a morte e o incendio. O occupante tem pois que contar só e absolutamente com o seu serviço de reatguarda, e as mais das vezes ainda deverá abastecer por sua conta as populações dos territorios que ocupar, as quais, embora rareadas, necessitam de socorros com que um politico chefe deve contar. O que excepcionalmente existir nos territorios que se vão ocupando e que, até certo ponto, não entrou nas previsões dos planos preparatorios, deve ser considerado, quando se possa haver á mão, como achado excepcional e não como coisa corrente.

Do exposto se deduz a necessidade da montagem de serviços perfeitos á reatguarda que possam fazer diariamente os reabastecimentos levando-os até ás tropas, e da manutenção á frente de um serviço de exploração que, imiscuindo-se e espiolhando tudo sob a protecção das tropas de segurança, (secção de exploração da coluina de viveres) possa arrebanhar e concentrar em depósitos ad hoc o que por lá houver e que as tropas na sua passagem aproveitarão, folgando neste dia ou dias os serviços de segunda linha.

Qualquer unidade tem a sua disposição imediata assegu-

rando-lhe o reabastecimento, como é geralmente sabido, o trem de viveres regimental, constituído por 6 carros de companhia no batalhão, e 4 carros de esquadrão nos grupos de baterias e esquadrões. O trem de viveres, que opera sob a orientação do provisor, divide-se sempre em dois escalões eguaes, cada um deles comandado por um sargento vag-mestre, destinados a fazerem o abastecimento alternado no *local de distribuições*, abastecendo-se também alternadamente no *local de reabastecimento*, de 2 a 6<sup>k</sup> á rectaguarda.

Quando a unidade mobilisa carrega logo o trem de viveres regimental, ficando pois aí com duas rações de viveres normais; e trata de *comprar* á manutenção dois dias de rações de reserva, (conservas) as quais são transportadas uma individualmente pelos homens, e outra nos carros de bagagens das companhias (baterias ou esquadrões).

Cada unidade deve mobilisar mais ainda dois dias de *rações de desembarque* (rações normais) a transportar com meios de ocasião até á zona de concentração, onde durante dois dias viverá delas, ingressando só depois no sistema de abastecimento divisionario. Se a marcha para esta zona demorar mais de 12 horas em caminho de ferro, deverá ser distribuida ás tropas, ante da saída do quartel, uma ração de trajecto em caminho de ferro (equivalente a meia ração normal).

Uma divisão que acaba de concentrar-se dispõe pois de seis dias de viveres nas suas tropas, sendo dois de rações normais nos dois escalões dos trens de viveres regimentais, dois de rações de reserva (conservas), um nos homens e outro nos trens de bagagens, e dois de rações de desembarque á disposição e a cargo de cada uma das suas unidades; e tem mais quatro dias de rações na sua coluna de viveres, sendo dois de rações normais nas quatro secções de viveres normais, e dois de rações de reserva (conservas) nas quatro secções de viveres de reserva.

Esta coluna é o principal órgão de reabastecimento divisionario. Embora o nosso regulamento a constitua a dois escalões de igual efectivo, com duas secções de viveres normais e duas de reserva cada um, parece que na pratica se dividirá pelo menor em tres agrupamentos de secções, constituídos os dois primeiros pelas secções de viveres normais, que são o verdadeiro órgão de reabastecimento, (alternando-se na distribuição

quotidiana aos escalões dos trens de viveres regimentais nos locais de reabastecimento) e o terceiro (e 4.<sup>o</sup>, segundo as circunstancias) pelas secções de viveres de reserva, que, sendo uma reserva movel á retaguarda da divisão, (6 até 15<sup>k</sup>), só anormalmente, quando se hajam consumido na frente as rações de reserva, são chamadas a reabastecer os trens de viveres.

Se a divisão inicia a marcha para a frente no 3.<sup>o</sup> dia da concentração, seguil-a hão pois, por sua ordem:

a) uma coluna constituída pelos 1.<sup>os</sup> escalões dos trens de viveres das unidades, logo apóz as tropas.

b) uma coluna constituída pelos 2.<sup>os</sup> escalões dos trens de viveres das unidades.

c) uma coluna de duas secções de viveres normais (1.<sup>o</sup> escalão) da coluna de viveres.

d) uma coluna constituída por quatro secções de viveres de reserva.

e) Uma coluna constituída por duas secções de viveres normais (2.<sup>o</sup> escalão) da coluna de viveres.

Outros orgãos de reabastecimento, o rebanho e a padaria, ficaram no local, que será a futura testa de etapes, e adeante falaremos do seu funcionamento. Com as tropas da divisão marchou, alem do trem de combate dividido em dois escalões, o trem de bagagens, á retaguarda dos respectivos regimentos.

Tem sido tendencia de alguns fazer marchar o trem de bagagens de todas as unidades á retaguarda da divisão, formando uma coluna distinta; nós julgamos isso prejudicial e desnecessario: prejudicial porque a unidade da testa esperará, para organizar o estacionamento, o tempo de escoamento do resto da divisão, 3 horas na melhor das hipoteses, até que se lhe possa reunir o seu trem, bivacando por isso tardissimo; e desnecessario porque, sendo em regra a nossa maior massa de tropas operando conjuntamente de duas divisões, não temos que nos preocupar muito com a profundidade das suas colunas, cuja testa e cauda nunca podem distar mais de um dia de marcha.

Quanto ao combate e preparação para êle, não há que pensar, pois que o combate de encontro foi coisa que teve os seus dias de gloria; na pratica não se dá; e a previsão de um combate aparece sempre uma dezena de horas antes do seu

início, havendo pois tempo para deixar ficar á retaguarda os trens de bagagens desnecessarios na frente.

Na ordem do estacionamento indicar-se-ha o local das distribuições para cada unidade, para o qual avançará o respectivo escalão do trem de viveres, procedendo-se acto continuo á distribuição dos generos para confeccionar nesse dia e para a ração da manhã seguinte. Este escalão reabastece e recua depois para local previamente designado junto da estrada de marcha, onde pernoita depois do seu pessoal e gado se ter alimentado ali, encontrando o rancho e estacionamento preparados por dois homens do seu pessoal que, ao marchar o escalão para a sua unidade, ficaram no local com a cantina e mais aprestos.

No dia seguinte, segundo de marcha, a divisão é seguida pelo 2.º escalão dos trens de viveres logo após as tropas, o qual nesse dia procederá como no antecedente procedeu o 1.º; quanto a este vai ao local de reabastecimento, perto do seu estacionamento, mas para a retaguarda deste, onde na vespera á tarde chegou o 1.º escalão da coluna de viveres, e ali se reabastece, estacionando não longe como no dia antecedente, de forma a que no dia seguinte possa fazer a marcha para a frente.

No 3.º dia o 1.º escalão de cada unidade marcha de manhã a reunir a esta á tarde, e o 2.º vem reabastecer-se ao 2.º escalão da coluna de viveres que já avançou mais. Quanto ao 1.º escalão desta, esvasiado na vespera pelo fornecimento que fez aos 1.ºs escalões dos trens de viveres, vem á retaguarda abastecer-se nos depositos da testa de etapes. Ha aqui ocasião para observar alguma coisa sobre o processo regulamentar que se tem querido seguir sem nunca se ter conseguido entre nós, qual o de fazer marchar os escalões dos trens de viveres formando uma coluna divisionaria. Tal é inexequivel e contraproducente: inexequivel porque não se reúnem facilmente, por mais instruidas que estejam as tropas e por melhores que sejam os meios de ligação e transmissão, pelo menos 15 escalões, que tantas são as unidades da massa principal, de forma a fazerem a marcha retrograda numa coluna unica; contraproducente porque, levando cada escalão, pelo menos, meia hora a carregar no local de reabastecimento, o 15.º escalão teria que esperar sete e meia horas em pura perda e comple-

tamente inúteis. 7 e  $\frac{1}{2}$  horas perdidas quando é preciso aproveitarem-se todos os minutos! Objectar-nos-hão que o reabastecimento se faz, pelo menos, em duas zonas perpendiculares á frente; a zona da direita e a da esquerda, dividindo-se por isso todo o serviço ao meio. Mas ainda assim o escalão que marchar na retaguarda perde 3 horas, e note-se que só por milagre de desembaraço um escalão poderá carregar em meia hora. O que há a fazer é indicar a hora em que os escalões iniciam a marcha para a retaguarda, ou a hora em que devem estar no local de reabastecimento, ou ainda a hora em que neste começam as distribuições; e, em qualquer dos casos, mandar-se policiar a estrada de marcha (comunicações), deixando-os marchar á vontade, cada um de per si. Não vemos nisso inconveniente desde que se sabe que as viaturas marcham sempre pela direita da estrada, estabelecendo-se pois um seguido carreiro de formigas na estrada de comunicações, fóra do qual viatura alguma pode sair. Não pode pois haver o peijamento na estrada que muitos temem.

Vê-se pois do exposto que á retaguarda das tropas só no primeiro e segundo dia de marcha se seguem os trens de viveres, grupados neste caso sob um comando unico eventual; nos restantes dias um escalão marcha sempre dum ponto mais recuado a alcançar a sua unidade, (fazendo por consequencia sempre uma etape maior do que ela) e o outro marcha para a retaguarda a reabastecer-se. Quem segue sempre as tropas, a maior ou menor distancia segundo as circunstancias tacticas, é o agrupamento ou agrupamentos de secções de viveres de reserva, prontos constantemente a intervir se o reabastecimento normal falhou por qualquer motivo.

A' medida que a divisão avança e se vai afastando da sua base, faz-se intervir no abastecimento um outro orgão, representado pelas secções automoveis do parque automovel administrativo de etapes, em numero variavel conforme a extensão da linha de comunicações, e que, devendo ser consideradas *unica e exclusivamente como prolongamento das linhas ferreas*, abastecem normal e quotidianamente os escalões da coluna de viveres, alternadamente para cada um, na testa de etapes de estrada.

Se as estradas são boas, podem fazer-se avançar estas secções até ao local de reabastecimento dos trens regimentais,

aos quais abastecem directamente, ficando neste caso inactivos os escalões de secções de viveres normais cujo gado e pessoal descança, e passando assim a desempenhar o papel de acrescimento de reserva movel de viveres á retaguarda da divisão, semelhantemente ao das secções de viveres de reserva. Daqui a suprimirem-se as colunas de viveres, a pretexto de que o serviço automovel pode ir ás tropas normalmente, vai, a nosso vêr, uma grande distancia; pois, nos parece que não só se deve contar com os terrenos escabrosos em que o automovel difficilmente manobra, mas tambem com a reserva de gado que representa uma coluna de viveres, e do qual o comando pode sempre lançar mão num dia em que o gado da frente seja muito desfalcado, prevendo-se assim mais um deposito de remonta movel que muitas vezes terá de ser aproveitado em operações de movimento.

Perto da testa de etapes, quando as secções de viveres ainda ali vem reabastecer-se por a estrada de etapes ser de pouca extenção, ou perto da testa de etapes de estrada no caso contrario, funciona a padaria divisionaria, constituída por quatro secções de igual efectivo. A actual composição da padaria é insufficiente mesmo para uma divisão de 23:000 homens, pois que o seu pequeno numero de fornos não chega para produzir o necessario para o consumo. Crêmos que ao estudar-se a sua actual composição se pensou que as tropas avançadas, cavalaria e outras, se abasteceriam pelo habitante, (por meio de rações fornecidas já cozinhadas) ou pelos meios *ad hoc* encontrados na exploração local, não utilizando os serviços da padaria; e bem assim as tropas da rectaguarda, do remuniciamento, de reabastecimento e da evacuação, as quais aproveitariam os fornos fixos dos indigenas. E pensou-se tambem que os efectivos das unidades nunca estão completos, pois que as perdas que sofrem só passados dias podem ser preenchidas, havendo pois um desfalque constante que nunca deve ser computado em menos de 10 0/0.

Fosse como fosse, o que é facto é que cada fôrno (tipo M. W.) produz em boas condições de temperatura e tréna-mento de pessoal, uma média de 80 pães por hora, o que dá 1:440 pães por 18 horas de trabalho, (numero maximo com que se deve contar trabalhar) ou sejam 4:320 rações por secção e 17:280 para a padaria toda.

E' pois necessario aumentar a capacidade de rendimento da padaria, o que só pode conseguir-se pelo aumento do numero de secções, que deve ser elevado a seis para uma divisão normal, na previsão de que não ha que contar com recursos locais a aproveitar, destruidos como são sempre pelo inimigo em retirada.

Para que da padaria possa tirar-se o maior rendimento, é mister dividi-la em grupos de duas secções, pelo menos, o que evita o *encombremet* a que dá logar o imenso comboio de carros de farinhas que diariamente a abastecem, e os carros de pão das colunas de viveres ou os carros automoveis que todos os dias vem buscar o pão a enviar para a frente; e é boa pratica faze-la marchar por escalões; isto é, uma secção em marcha cada dia. Esta é a razão porque nos parece que a padaria deve ter 6 secções em vez de 5, pois contamos diariamente com 5 secções a trabalhar e uma em marcha. Não ha outro meio de se economisar tempo, pois que, se se fizesse marchar a padaria toda diariamente embora durante menor numero de horas, resultariam em pura perda as horas destinadas a levantar e a arranjar de novo a instalação, que nunca podem ser computadas em menos de duas. Por outro lado, se se lhe determinasse uma marcha grande, embora só de 4 em 4 ou de 5 em 5 dias, no dia da marcha a produção de pão seria insufficiente, e não podia ser suprida com os recursos dos outros dias pela dificuldade e carencia de meios de transporte para os excedentes de fabrico.

Viaturas de requisição? não ha: o inimigo ou as levou, ou as destruiu; e previdente será aquele que não contar com elas. Somos mesmo levados a crêr que os nossos regulamentos abusam um pouco deste expediente.

Onde não vemos dificuldade e antes interesse nacional, é na modificação que se deveria fazer do sistema de tração, havendo vantagem que fôsse a gado bovino, visto não chegar para as necessidades das tropas de 1.<sup>a</sup> linha e remuniciamento todo o gado muar que ha no país.

Uma secção tirada a bois pode percorrer de 5 em 5 dias 36 quilometros numa marcha de 12 horas, o que será suficiente para que ela não perca o seu logar tactico na massa do exercito. Se acidentalmente o perder durante alguns dias de uma perseguição violenta e rapida, esse atrazo não será dura-

vel, sendo suprido pelo serviço automovel, (que de resto em todos os serviços da rectaguarda entrará então numa fase activissima), e em breve será recuperado, pois que um rapido deslocamento ofensivo não pode em caso algum protelar-se durante muitos dias com a mesma intensidade.

Quanto ao rebanho de reabastecimento, não funciona hoje pela fórma um pouco antiquada que a muitas parece. Na realidade não ha rebanho de reabastecimento. O que ha é rebanho de rezes que se fazem convergir *pour pied* na zona das estradas para um ou uns matadouros fixos situados na linha de comunicações, nos quais o gado é abatido e preparado diariamente, se não houver sistemas de congelação montados, os quais são sempre preferiveis. Anexas a estas fabricas da morte funcionam secções de automoveis adaptados para o transporte de carnes, os quais diariamente vão á zona dos locais de reabastecimento dos trens de viveres abastecer os carros da carne das unidades. Claro está que se a exploração do serviço de subsistencias encontra na frente gado proprio para o consumo, emparca-o e faz abastecer dele as unidades, fornecendo-lh'o vivo; e por isso os carros da carne tem um aparelho de matança. Se a rêde ferro viaria é sufficiente, não é necessario estabelecer muito para a frente as fabricas de preparação de carnes. E' o caso nacional, em que um serviço de automoveis bem mortado em certas estações de caminhos de ferro pôde permitir que do matadouro central de Lisboa, estabelecimento modelar a todos os respeitos, se abasteçam diariamente as divisões que operarem na Beira até ao Côa; na Beira Baixa até Castelo Branco e Penamacor, e em toda a defesa do Alemtejo; sem ser necessario fazel-as seguir de perto por mais serviço algum desta especie.

Fica esboçado nestas breves linhas o schema geral do reabastecimento, em cujos detalhes não entramos por enquanto, porque isso nos levaria muito longe. Aspero e ingrato é o serviço, e tão extenuante e exaustivo, sem ter a compensal-o a ambição e o estímulo da gloria, que os officiais a quem incumbe precisam ter bem arreigado o sentimento do dever, e bem nitida a compreensão do sacrificio pelos seus camaradas.

Só com o espirito de sacrificio aliado a uma grande iniciativa individual se pôde ter um bom serviço de intendencia, sem o

qual não ha combinações do comando que tenham successo. Este necessita ter o serviço de reabastecimentos perfeitamente assegurado, e não ter de se preocupar com detalhes de necessidades que ao serviço de intendencia compete prevêr e remediar por si só. Recebidas do comando as orientações gerais e os projectos pessoais *in mente*, os directores do serviço de intendencia devem ser suficientemente habéis, sabedores, desembaraçados e expeditos para poderem dar áquele os elementos de que necessita afim de que os seus projectos possam ter execução no tempo e no local proprios.

Estas qualidades e conhecimentos só se adquirem no campo, na pratica com as tropas; e nos gabinetes, no estudo da historia militar, da estrategia, da geografia economica, das industrias alimentares e da organica militar. O conservar os officiais destinados a serviços de intendencia numa repartição a somar numeros e processar recibos de soldo estraga-os, degenera-os, e torna-os em pouco tempo inaptos para a sua verdadeira missão e para o convívio das tropas.

Urge que os Poderes Publicos pensem nisto.

EURICO CAMEIRA

Capitão



## O municiamto da artilharia moderna

O oportuno reabastecimento de munições é da maior importancia nos tempos actuais. Qualquer comandante de artilharia tem obrigação de atender constantemente ao desenvolvimento regular deste serviço.

Além disso, tanto os officiaes como as praças que tenham a seu cargo o reabastecimento de munições, devem manifestar sempre firme vontade em efectuar este serviço.

A artilharia sem munições é uma arma totalmente inutil. Por isso o serviço de que se trata constitue para ella uma questão vital, que com a crescente efficacia das armas de fogo adquire cada vez maior importancia.

O estudo das campanhas do passado mostra-nos o muito que tem variado o consumo de munições. Nas guerras napoleonicas nunca chegou a artilharia prussiana a 70 tiros por peça, termo medio. Em Gross Georschen fizeram-se 68 tiros; em Bautzen 56; em Ligny, sómente 47.

A artilharia austriaca em Leipzig, chegou, nos tres dias de batalha, a uma percentagem de 199 tiros, ou sejam 66 por dia,

Nas campanhas de 1859, 1864 e 1866 foi muito reduzido o consumo de munições da artilharia prussiana. Isto explica-se, pois nas campanhas de 1859 e 1864, pelas condições do terreno, ofereciam grandes difficuldades ao emprego da artilharia em grande escala. Sómente em Solferino pôde a artilharia austriaca ser empregada em grandes massas, mas, ainda então, só se alcançou o numero de 29 tiros por peça.

Na campanha da Bohemia, grande parte da artilharia prussiana tinha ainda canhões de alma lisa, vendo-se condemnado por este motivo a uma inacção quasi absoluta;

Em 1866, o maximo de tiros feito numa batalha por bateria, veio a ser de 900, ou seja 180 por peça. Na frscção austriaca, a artilharia teve de suportar, como é sabido, o pezo principal de luta, sendo o numero de tiros dados por cada peça de

96, incluindo provavelmente neste numero as munições perdidas no campo de batalha.

Pelo que respeita ao consumo de munições na guerra de 1870-71, só merecem confiança os dados que se referem ao partido alemão. Prescindindo das baterias de reserva, a percentagem de tiros por peça em toda a campanha, foi de 209 na artilharia prussiana, 216 na bavara, e 162 na saxonia; nas baterias isoladas chegou-se a numeros muito mais elevados.

A seguir se indicam os dados correspondentes ás batalhas onde maior consumo de munições se fez:

Vionville. . . . .	85,5	por	peça
Gravelotte. . . . .	55	»	»
Sedan . . . . .	57	»	»
Noisseville. . . . .	74	»	»

Em Vionville deram-se mais de 100 tiros por peça, sómente em 13 das 37 baterias que tomaram parte nesta batalha, ou seja 35 %.

Em Gravelotte, igual numero de tiros, em 17 das 108 baterias (16 por cento). Em Sedan, em 15 das 97 que tomaram parte na acção (15 por cento). E em Noisseville, sómente por uma bateria das 108 que na batalha figuraram (1 por 100).

Só 8 baterias em Vionville e 3 em Gravelotte, deram mais tiros do que os que levaram nos armões e canos da bateria.

Quanto á artilharia francesa, as unicas noticias fidedignas que se conhecem referem-se á batalha de 28 de agosto; 65 baterias dispararam 35.249 projecteis, ou seja em média 90 tiros por peça.

O maior numero de tiros (1380, por peça 230) corresponde á bateria de metralhadoras da divisão Ceissy. Mais de 100 tiros foram feitos por 65 baterias, o que quer dizer que 86 por 100, mas nenhuma delas chegou a disparar a dotação regulamentar dos seus armões e carros.

Tambem é verdade que estas dotações não estavam todas completas.

A adopção da polvora sem fumo e outros meios que annunciavam a rapidez do fogo, tinham, naturalmente, que elevar o consumo de munições.

Ainda quando as peças que se empregaram na guerra russo-japonesa não tivessem de modo algum a rapidez do fogo dos modernos canhões de recuo sobre o reparo, o consumo de munições, especialmente por parte dos russos, excedeu tudo o que se esperava.

Assim, na batalha de Schaho, que durou 3 dias, cada peça da divisão n.º 35, deu termo médio 834 tiros. Na batalha de Lião Yang, que durou 2 dias, a artilharia dos corpos siberianos 1.º e 3.º fez 840 tiros, isto é, 420 por dia e peça. Em Caschitschao, a 2.ª bateria da 9.ª brigada de artilharia, da Siberia oriental, fez 522 tiros por peça. E ainda quando os russos tinham rasões especiais para não economisar as munições, e, portanto, não podendo esses algarismos servir de norma, haverá sem duvida que contar no futuro com um consumo de munições consideravelmente superior ao das campanhas passadas.

Oferece tambem interesse recordar a dotação de munições destinada ás baterias em outros tempos.

Na guerra napoleonica, a dotação das baterias vinha a ser de 100 tiros por peça. No periodo seguinte a ela (1816-1842) oscilou essa cifra entre 319 e 132 tiros, servindo de base esta ultima, o adotar-se a peça estriada, para a dotação da artilharia de grande calibre.

Com o material de 1873, os carros de munições passaram de 6 a 8 e a dotação eontinuou a mesma do material antigo (135 tiros na peça pesada de campanha e 135 na ligeira). Depois da adoção da granada explosiva aumentou-se um carro de munições nas baterias pesadas, elevando-se a dotação a 147.

Ao adotar-se a peça de campanha de 1896 fixou-se a dotação da bateria em 780 tiros; ou seja 130 por peça, e a das baterias, ligeiras de obuzes de campanha em 518, isto é, 86,3 por peça.

Ha a isto que mencionar todavia as existencias das colunas ligeiras de munições, que fazem elevar o numero de tiros por bateria a 1.132 (189 por peça) e o dos obuzes ligeiros de campanha a 924 (156 por peça). As baterias a cavalo das divisões da cavalaria, tem equal dotação que as montadas, mas a das suas colunas ligeiras de munições é maior, pois cada bateria desta classe dispõe de 1.196 tiros (196 por peça).

Com as peças modernas de tiro rápido a dotação normal de munições passou a ser a seguinte :

6 armões de peça, cada um com 36 shrapnels . . . . .	216 shrapnels
6 carros de munições, cada um com 88 shrapnels . . . . .	528 "

e um armão de carro de provisões com 36 granadas no total de 780 tiros, que prefazem 130 por peça.

A coluna ligeira de munições leva :

12 carros de munições, cada um com 88 shrapnels . . . . .	1.056 shrapnels
9 carros de munições cada um com 88 granadas . . . . .	792 granadas

Total . . . . .	1.848 tiros
-----------------	-------------

ou sejam, 616 por bateria e 1027 por peça.

Assim, pois, cada bateria montada conta com 1.396 tiros (1.096 shrapnels e 300 granadas), ou sejam 232,7 por peça.

As baterias a cavalo levam, além disso, 264 shrapnels e 132 granadas na coluna ligeira de munições de grupo, distribuídas as primeiras em 6 carros e as granadas em 3. Cada uma delas dispõe, portanto, de 1.176 tiros (1.008 shrapnels e 168 granadas), ou sejam, 196 por peça.

Quanto aos obuzes ligeiros de campanha levam :

6 armões de peça . . . . .	a 24 shrapnels, total 144 shrapnels
6 armões de carros de munições . . . . .	} a 26 shrapnels, total 182 shrapnels
1 armão de carros de munições . . . . .	
6 armões de carros de munições . . . . .	a 32 granadas, total 192 granadas

Soma 326 shrapnels — 192 granadas.

ou sejam, no total, 518 tiros (86,3 por peça).

A coluna ligeira de munições deste material, compõe-se de:

8 carros de munições a 58 shrapnels . . . . .	174 shrapnels
18 " " " " a 58 granadas . . . . .	1.044 granadas
-----	
Total . . . . .	1.218 tiros

que dão por bateria, 406 (58 shrapnels e 348 granadas) e por peça 67,7.

A bateria de obuzes ligeiros de campanha dispõe, portanto, contando com as colunas ligeiras de munições, de 224 tiros, ou sejam 154 por peça.

A bateria francesa de 75 milímetros consta de 4 peças e 12 carros de munições, com a seguinte dotação:

4 armões de peça e 24 shrapnels . . . . .	96 shrapnels	
10 carros de munições a 90 shrapnels . . . . .	960 " "	
2 carros de munições a 24 shrapnels . . . . .	48 " "	e além disso
		72 granadas
		cada um
-----		
Total . . . . .	1.104 " "	e 144 granadas

ou sejam 1.248 tiros (por peça 312).

Não variando a composição das colunas de munições da artilharia, o numero, em tiros, de que dispõem as baterias de campanha, dentro do corpo de exercito, sobe a 2.310 (1.864 shrapnels e 446 granadas), ou sejam, 385 por peça. E para cada bateria de obuzes ligeiros de campanha, 1.350 tiros (462 shrapnels e 188 granadas). Quer dizer, 225 tiros por peça.

Nas baterias francesas de 75 milímetros, os parques de munições do corpo de exercito levam ainda, para cada uma, 758 tiros, o que faz elevar o numero nas baterias a 2.006, e nas peças a 501,5.

Sobre a dotação de munições que corresponde ás baterias pesadas de obuses de campanha, não se tem publicado nada oficialmente.

Pelo que respeita ao mecanismo do serviço de municiamento, é sabido que se coloca ao lado de cada peça o jogo trazeiro do carro de munições sem armão; além dos armões e dos carros e, em certas ocasiões, das peças, tiram-se os cestos de munições para os colocar atrás das peças ou dos carros. Também pode descarregar-se o jogo trazeiro do carro de munições, e isto recomenda-se, especialmente no tiro com granada explosiva, para diminuir o risco de explosão que pudesse fazer um alvo.

A bateria de combate dispõe assim de todas as suas munições, com excepção das 36 granadas do carro de munições. Também na bateria francesa se coloca ao lado de cada peça o jogo trazeiro do carro de munições. Além disso dispõe-se de um carro de munições á rectaguarda de cada um dos flancos de bateria, destinado ao primeiro reabastecimento. Não está prevenido que se descarreguem os armões, nem é oportuno fazê-lo, já que os projecteis vão isolados nos carros. A bateria francesa conta, para o primeiro consumo, com 432 tiros, ou sejam 108 por peça.

Os armões mandam-se em seguida a coberto. Por excepção, naquelas posições de fogo que se presume terem-se de conservar por pouco tempo, os armões de peça poderão ficar com elas; neste caso, o escalão não avança. Isto, em geral, só sucederá nas baterias a cavalo das divisões de cavalaria.

Na imediata vizinhança da zona de fogo, e fóra das vistas do inimigo, instala-se um posto de sinais que ha de estar em comunicação com o que estabelecer o chefe de escalão. A direcção do mesmo ficará a cargo do chefe de carro que tenha de permanecer ali, o qual periodicamente ha de dar conta das munições que lhe fiquem. O escalão não ha de sómente repôr as munições, mas ainda o pessoal que seja necessario. A primeira reposição de munições será facilitada pelas colunas ligeiras. Estas, em geral, ficam á rectaguarda da infantaria da divisão, mas o comandante da coluna pode dispor a sua colocação mais á frente, medida que em geral deverá recomendar-se.

Se a artilharia de uma divisão marchar na rectaguarda do primeiro batalhão do grosso, a testa de colunas ligeiras de munições ficará a uns 6 quilometros.

Se a ordem de avançar fôr comunicada ao mesmo tempo

que se efectuar o avanço da artilharia, com difficuldade chegarão á linha de fogo antes de decorrerem duas horas, contando, naturalmente, com que se não apresentem entorpecimentos imprevistos que produziriam muito maior atrazo.

As baterias da vanguarda que já estavam algum tempo em acção ao ser ordenado o avanço da artilharia do grosso, puderam facilmente encontrar falta de munições. Se se dispozer que as colunas ligeiras sigam a ultima bateria da divisão, os batalhões que marcham na imediação das baterias ficariam recuados na coluna de 1600 metros, atrazando-se com ele o seu desenvolvimento uns 20 minutos, mas, em compensação, as colunas chegariam aos seus postos hora e meia antes, sobretudo ordenando-se que sigam as baterias, embora sem ordem especial.

Talvez convenha tambem, que parte das colunas ligeiras de munições fiquem na vanguarda.

Aos destacamentos que contem com baterias isoladas são-lhes agregadas fracções de uma coluna ligeira de munições.

No campo de batalha, as colunas ligeiras de munições ficarão situadas no terreno á rectaguarda dos seus grupos respectivos, mas a uma distancia da linha de fogo que não deverá exceder 600 metros.

O comandante destas colunas, unico responsavel em prover de munições o seu grupo, terá que se pôr em seguida em comunicação por sinais com a linha de fogo.

A forma de dotar de munições a linha de fogo dependerá, naturalmente, das circunstancias.

Em principio, os carros de munições ligadas aproximam-se da linha de fogo, aproveitando, naturalmente, o terreno, tanto quanto o fogo inimigo lhes permita.

Se os carros não poderem avançar até á linha de fogo, as circunstancias determinarão em cada caso a forma por que as munições terão de chegar até ás peças.

Nas mudanças de posição é de uma grande importancia que os carros de munições vão quasi cheios. Em casos muito urgentes podem fazer-se chegar até á linha de fogo as colunas de munições da artilharia, no todo ou em parte, podendo tambem deixar-se ás tropas, transitoriamente, carros cheios.

As colunas de munições da artilharia atenderão aos pedidos de munições feitos pelas tropas pertencentes a outras uni-

dades, sempre que o permita a situação das próprias forças. As colunas ligeiras de munições só o farão com ordem expressa do comandante das forças.

Como a artilharia sem munições fica totalmente sem defesa, ao entregar munições ás tropas que já as tenham consumido, atende-se não sómente ao interesse geral, mas também ao especialissimo daquelas forças que ainda tenham munições abundantes. Doutro modo teriam estas que arrostar só o peso da luta e poderiam facilmente serem esmagadas pela superioridade numerica.

Na batalha de Vionville, várias baterias do 10.<sup>o</sup> corpo receberam munições das colunas do 3.<sup>o</sup>

Por outra parte, ás baterias do 3.<sup>o</sup> corpo foram-lhes fornecidas munições do 8.<sup>o</sup> e do 10.<sup>o</sup>, que não chegaram ao campo de batalha até á ultima hora.

Finalmente, o comandante das colunas de munições e os dos demais escalões terão que exigir a todo o momento a mais severa disciplina e a ordem mais rigorosa no serviço. Qualquer falta de ordem nos carros situados á retaguarda da linha de combate, pode acarretar consequencias desastrosas.

(Traduzido do *Boletim del Ministerio de guerra y marina*, por R.)



## Os Dembos nos Anais de Angola e Congo

(1484-1912)

(Continuado de pag. 144)

Mêdo, ou antes, estremecimentos nervosos, diga-se a verdade, sente-os quasi toda a gente nas devidas ocasiões, consoante os seus habitos de guerra ou o seu temperamento, com a diferença de que a uns a honra impulsiona-os para a frente, permitindo-lhes afrontar a morte, e a outros a falta dela fá-los instintivamente recuar. Aquele que, se não avança, também não recúa, é a nosso vêr, o que possui o maior valor, por a sua serenidade lhe permitir avaliar todas as consequencias da imprudencia e da covardia. Ora aos soldados presidiarios fracassavam-lhes a honra ou o brío para fazerem frente ao medo.

Esses presidiarios, que antes de entrarem em S. Antonio de Caculo Cahenda, cinicamente pediam para os mandar fazer fogo, sómente para se aliviarem do peso das munições, eram agora os mais medrosos!

Pela citada nota n.º 428, o comandante communicava ao quartel general: «O dembo pode reunir aqui só, na banza, mil homens armados. Tão facilmente impede a retirada da guarnição, como o avanço de duzentos homens que queiram socorrê-la. Hontem, dia 2, houve nova recepção na embála, sendo para esta convidado pelo dembo. Os soldados, principalmente da 3.ª companhia disciplinar, retiraram dali atemorizados com a superioridade da força do gentio, sendo necessario eu andar a animá-los. Para levantar o espirito dos soldados, requisitei telegraficamente mais vinte praças europeias e um sargento».

A coragem e o medo são contagiosos.

No regresso destas cerimoniaes só o comandante, confiado na sua fé de vencer; só ele firmado na vontade do seu Ego; só ele escudado na defeza do seu nome, lembrando-se de que

uma retirada seria uma deshonra para a sua farda e um descredito para o seu brio pessoal, visto que ninguem o tinha mandado avançar para a séde de Caculo Cahenda e dos Dembos; só isto, por momentos, teve mão nos soldados, salvando-os da vergonha de um panico eminente, de uma debandada geral.

A attitude do comandante foi sugestiva: — *Ainda que todos fujam e me abandonem, eu nem assim arredarei pé daqui.* — (V. pag. 595 da «Rev. Mil.» 8-1910), mas nêles não encontrou éco.

Com effeito, se fôsse massacrado, resgataria com a vida o insucesso da empreza; se ficasse vivo, resgataria com uma coragem excepcional todas as responsabilidades que lhe pedissem.

Portanto, como esse official se mostrasse inabalavel, declarando tambem aos soldados incorrigiveis que escusavam de pensar em retiradas, porque até já tinha dado ordens prévias, para lhes não facultarem passagem nas canôas dos rios Lombige e Zenza, estes portuguezes degenerados nem assim desistiram e continuaram a coligarem-se para fugirem, convictos de que sempre arrastariam o comandante atraz deles.

Na manhã de cinco de outubro de 1909, á hora da nomeação do serviço, a que estavam sujeitos pelas circumstancias e pelos regulamentos correccionais, recusou-se o primeiro, alegando doença, o segundo e o terceiro (consoante tinham combinado).

Era mais outro lance arriscado que se deparava ao comandante mas, como para grandes males são precisos grandes remedios, afim de poder usar de meios extremos não especificados no Regulamento Disciplinar, mandou, antes de tudo, recolher-lhes o armamento.

Neste instante, eles, compreendendo que só por esta forma podiam ser submetidos, recusam-se a entregá-lo, põem o correamente ás costas e capitaneados por um tarádo, que se gabava de ter na prisão a sua aposentação ou reforma garantida, proferem o — *salve-se quem poder!*

Não satisfeitos com isto, depois de prepararem as manivelas para fogo de repetição, intimam não só todos os europeus a retirarem de Caculo Cahenda, mas ainda o comandante a passar-lhes guia!

A peça ainda estava em Calomba e os indigenas andavam

distantes (com a espingarda á mão) na construção do forte, mas mesmo que se achassem presentes, essas carabinas Kropatscheck de treze europeus podiam fazer frente ainda que fôsse a quarenta Martini dos indigenas, desde que estes não estivessem entrincheirados ou prevenidos. O cabeça da revolta, ao perceber que, apesar de isso, o comandante mandava chamar a força ausente, retorquiu:— *Mande-os chamar a todos, porque são mais esses que ficam* (mortos).— (V. os autos arquivados na Promotoria Militar de Angola).

Vendo o cabecilha que o comandante não lhes passava guia (e que menos a passaria depois de morto) não atendendo a falas, a ordens, nem ás arriscadas tentativas para os desarmar e prender, conforme os pormenores dos autos, lá fugiram, capitaneados pelo peor, sumindo-se por entre os bosques e indo este á rectaguarda, de dedo no gatilho, a ameaçar aquele que quizesse arrepender-se.

De este modo, contra o juramento prestado, esses desprezíveis presidiarios, destituídos de honra militar, esses soldados que, mesmo oficialmente eram conhecidos por alcunhas que definindo-os, conspurcariam esta narrativa *abandonaram o seu posto e o seu chefe, numa ocasião perigosa*, deixando-o apenas com vinte indigenas e sete europeus, na hora em que reclamava esses treze e mais vinte, e cujo armamento que se ia embora era ainda mais de oito vezes superior ao que ficava.

Foi humanamente impossivel, sobretudo desarmado, ir mais por diante com essas «energias da ordem», sem prudencia, recomendadas pelos regulamentos de então, segundo os quais o superior deveria concluir por se fazer assassinar estúpida e ingloriamente, *a fim de sufocar o que só por milagre faltou explodir*

\* \* \*

Foi uma felicidade não se acharem presentes os indigenas, porque ou se declararia o panico latente, fugindo-lhe todos, ou se declararia a suprema tragedia, assassinando-se uns aos outros.

Os três que foram intimados a servirem de testemunhas e que ali ficariam mudos e quêdos como estatuas, reconheceram a forma imperturbavel como o ocupador da capital dos

Dembos encarou a Morte, quando um dos peiores, desses rostos patibulares, chegou a perguntar ao visinho:—Dispárolhe já?—(V. os depoimentos na Promotoria do Conselho de Guerra).

Diz o sabio psico-fisiologo Scipio Sighele na «Multidão Criminosa»: «Dois individuos têm muita mais coragem juntos do que a de cada, isolados somada». Quer isto dizer que faz muita diferença o animo de um individuo que se vê só, da serenidade de quem se vê apoiado por uma força muito superior fiel.

—A verdadeira coragem não é a bravura, havendo quem defina esta como um fenómeno nervoso como o medo. A verdadeira coragem não é afrontar o perigo sem razão ou suicidar-se parvamente, mas sim conservar toda a lucidez de espirito diante dos perigos. (De «O Seculo» n.º 12:207).

—A verdadeira coragem consiste na realização de um dever, seja ele qual fôr. (General barão Ambert).

—O homem corajoso afronta o perigo e evita-o se é possível. (Lucain).

—O homem corajoso é o que domina naturalmente os seus nervos. (J. J. Rosseau).

—A coragem voluntaria, serena e persistente vale muito mais do que os impetos momentaneos provenientes de estímulo, de sugestão ou de um medo maior. (D. M.)

O comandante afrontando mais este excepcional contra-tempo, de se ver abandonado na solene hora de ter pedido socorro, foi encontrar a sua salvação num gesto de generosidade e de simpatia do proprio dembo que, reprovando semelhante acto, com que se julgava indirectamente deshonorado perante os dembos rebeldes, se ofereceu para mandar dar caça aos soldados, porque, logo que estes fugiram, o comandante mandou os interpretes fazer constar que os brancos fugiram porque... não gostavam do gentio da terra!

Valeu isto para o povo «mandar fama» que *era dever dos caculos tratar muito bem o chefe, que assim se confiava deles.*

Quando os soldados indigenas vieram dos trabalhos de fortificação, aonde o official os mandou chamar, chegaram de armas aperradas e com impetos de defenderem o seu coman

dante, batendo-se com os europeus (que não esperaram por eles).

Num comando em que havia em partes iguais europeus odiando «moçambiques» e estes odiando «angolas» esse oficial cuidou sempre de evitar odios, fazendo justiça a todos sómente segundo a razão e a indole ou comportamento deles. Entretanto, contou sempre com este injustificado odio de raça de um grupo, para submeter o outro, assim como lhe conveio arvorar sempre em serviço de aparente confiança o soldado mais temido no seio de cada grupo.

Mesmo assim, o pessimo exemplo frutificou por um instante, porque no dia seguinte á noite, os pretos formaram por seu turno, para que o comandante lhes abonasse dinheiro.

Aquele, mais uma vez atribulado, mas revestido de estoicismo arengou-lhes:—*Então tambem vós, que ainda hontem me afiançasties que as nossas trincheiras seriam as nossas sepulturas, tambem vós tereis medo e desejareis abandonar o vosso comandante sob o pretexto dos prés que, para alguns, as companhias enviam com seis mêses de atrazo?*

Sem estas sucessivas provas de *sorte*, desse official triunfar de tudo e de todos, sem a disciplina dos graduados e sem a dedicação desses admiraveis e jamais esquecidos soldados *landins*, que ficaram ao lado do seu chefe, este haver-se-ia perdido irremediavelmente com toda esta temerária empreza de Caculo Cahenda.

(Continúa)

## Obras oferecidas

- 1 **Asociación Española para el Progreso de las Ciencias**—*Congreso de Valladolid*—**Algumas palavras sobre Pedro Nunes**, por RODOLPHO GUIMARÃES. — Opusc. (0<sup>m</sup>,25×0<sup>m</sup>,16) de 5 pag.—Madrid, 1916.

Incansável divulgador de quanto se refere á individualidade do grande matematico, que foi Pedro Nunes, o nosso presado colega e amigo Sr. major Rodolfo Guimarães não perde uma oportunidade, que se lhe ofereça, para esclarecer a vida e exaltar os meritos daquele homem de sciencia, que tem enobrecido o nosso país através dos seculos e em todas os países. Não fez a vizinha Espanha excepção a tal regra, porque, logo nas primeiras linhas do seu nevô trabalho, revelando mais uma vez a sua vasta cultura bibliografico-scientifica, o Sr. major Guimarães cita numerosos e autorizados escritores espanhois, que se ocuparam daquele nosso insigne compatriota.

Ha um facto, porém, da vida de Pedro Nunes que está ainda rodeado de obscuridade, qual o da sua permanencia em Espanha. Propôs-se esclarecê-lo, quanto possivel, o Sr. Guimarães e para isso aproveitou habilmente o Congresso de Valladolid, promovido pela Associação Espanhola para o Progresso das Sciencias, para ali apresentar uma memoria esclarecedôra do assunto, na qual, tirando habilmente varias inducções de factos conhecidos, chegou á conclusão de que essa permanencia houvesse sido entre os anos de 1521 e 1526.

Mas, para que todas as duvidas desapareçam e seja fixada a devida precisão do facto, o Sr. Guimarães apresentou ao referido Congresso, com a sua memoria, três quesitos formados por outros tantos assuntos da vida de Pedro Nunes, que só podem ser esclarecidos nos arquivos espanhois, pelo que os submeteu á investigação dos estudiosos daquele país.

Como se vê, o nosso presado colega e amigo, não cessa um momento de pôr em relêvo a sua variada cultura e o levantado patriotismo com que busca esclarecer e engrandecer a memoria dos que tanto souberam erguer e honrar a nossa Patria nos dominios da sciencia. Honra a tão levantado e infatigavel proposito!

- 2 **Estatistica do Serviço Veterinario do Exercito**—Ano de 1916. 1 opusc. (0<sup>m</sup>,25×0<sup>m</sup>,16) de 65 pag.—Lisboa, 1916.

Saudamos bem sinceramente a aparição desta publicação, muito embora retardada, porque demonstra o proposito de não deixar solução de continuidade na revelação anual do movimento clinico veterinario do exercito, sem o conhecimento geral do qual não supomos possivel o melhoramento indispensavel dos serviços respectivos. E a demonstração da necessidade da realização desta aspiração está afirmada logo nas primeiras palavras do relatorio, com que o opusculo abre, quando se afirma que — «a morbilidade no exercito continúa a ser desproporcionada com o fraco efectivo existente» —. O motivo, igualmente confessado, é o de terem subsistido as mesmas causas morbidas indicadas nas estatisticas anteriores.

No ano a que a *Estatística* agora publicada se refere, não se registou o mais insignificante esforço, tendente ao melhoramento da hygiene das cavaliças, modificação dos arreios, melhor arraçoamento dos solípedes e exploração mais cuidadosa destes. É devido á falta de observancia das mais indispensaveis condições higienicas, o facto de todo o efectivo do exercito, em solípedes, precisar do auxilio da terapeutica para recobrar a sua integridade funcional, não poucas vezes comprometida para a vida restante dos animais, pela acção longa e energica que neles exercem as causas morbificas, que ficaram apontadas.

Assevera isto ainda o aludido relatorio, e aplaudimos que assim se fale publicamente com tal isenção. É possivel que passem alguns anos sem ainda se atender a tão justos queixumes, mas a voz da verdade e da razão terminará por ser escutada, e lograr-se-ha alfim estabelecer a convicção, não só de que uma fonte larga de economias se póde produzir, tratando desveladamente os solípedes do exercito, mas que o arreigamento das suas devidas condições higienicas asségurará uma mais conveniente e solida mobilização das tropas montadas. As conquistas higienicas, como todas as demais de ordem scientifica e moral, sómente são asseguradas por uma tenaz e viva propaganda.

Não permitem as restrictas dimensões deste espaço, destinado ao registo das publicações militares, que nos alonguemos dando extractos, quanto possivel alongados, de varios periodos do relatorio em questão, que merecem essa consideração. Mas é de prevêr que os officiais das tropas montadas não deixem de lêr tão curioso trabalho, que muito ganharão em considerar atentamente.

Pela parte que nos diz respeito, não podemos deixar de saudar a *Estatística* referida, e de fazer votos porque as condições do serviço permitam, que em breve seja posta em dia, de modo a poder aparecer, logo no ano immediato aquele a que se referirem os dados, que contenha, porque o atrazo presente deve ser uma das causas porque essa publicação não é tão apreciada, como merece. No correr vertiginoso do tempo, especialmente na epoca presente, em que a intensidade da vida é assombrosa, os factos de ontem já não merecem atenção, quanto mais os da decada anterior. Dizemos isto sem espirito malevolo de critica, e sómente pelo interesse que nos merece tão util publicação, cuja prosperidade muito desejamos.

3 *Observatorio astronomico de Lisboa—Dados astronomicos para os almanques de 1917 para Portugal*—1 opusc. (0<sup>m</sup>,24×0<sup>m</sup>,15) de 36 pag.—Lisboa, 1917.

Desde 1876, que o Observatorio Astronomico de Lisboa, de cujo pessoal scientifico tem feito parte alguns dos mais distintos officiaes do nosso exercito, faculta aos que deles necessitam, tanto em Portugal como no Brazil, os dados astronomicos, que lhe são solicitados. No intuito de melhor satisfazer a essa necessidade, deu-se agora começo á publicação, que anunciamos, sob a direcção do 2.<sup>o</sup> astronomo Sr. Frederico Oom, cujo nome é penhor da segurança dos dados oferecidos.

Ás variadas informações e quadros apresentados, junta-se um apêndice, em que se descrevem as origens do nosso calendario usual, que revelam solida cultura, sendo expostas com uma clareza, que cativa a leitura.

Fazemos votos para que a sancção da experiencia demonstre a utilidade da nova publicação para os especialistas, visto a segurança dos dados oferecidos estar caucionada pela autoridade do seu director.

4 **Guia do Oficial Provisor em Serviço de Campanha.**—Disposições sobre o serviço de subsistencias, fardamento e contabilidade das unidades e formações, por JOSÉ RIBEIRO DA COSTA JUNIOR, tenente do serviço de administração militar.—Lisboa, 1916. 1 vol. (0<sup>m</sup>,16×0<sup>m</sup>,11) de 210 pag.

O titulo deste pequeno volume esclarece já de si os numerosos dados, que ele contém, acerca de quanto ao official provisor compete saber dos importantes serviços a seu cargo. Reunem-se nele muito metodicamente os principios e regras disseminadas por varios regulamentos e instruções para o serviço de campanha e ainda outros procedentes de innovações introduzidas no exercito, ou em via de preparação. De modo que, o official provisor, que colocar na sua algibeia este volume tão portátil, tem a certeza de nele encontrar, em qualquer ocasião, os dados que se lhe tornem indispensaveis para a devida execução dos serviços a seu cargo. Nada se pôde dizer de mais concludente para afirmar a utilidade do trabalho do 1.<sup>o</sup> tenente sr. Ribeiro da Costa, que revela assim, não só o amor pelo serviço a que se dedicou, mas uma cultura tecnica digna de apreço.

M. S.

# CRÓNICA MILITAR

## Alemanha

**Baixas da guerra.**—Das listas de baixas publicadas oficialmente na Alemanha reproduz *La France Militaire* alguns dados numericos, dos quais se conclue :

Mortos.....	922.272
Feridos .....	2.351.011
Desaparecidos .....	499.938
Total .....	3.773.221

As baixas de *oficiais* correspondentes a este total são as seguintes :

Mortos.....	28.277
Feridos .....	55.187
Desaparecidos .....	5.220
Prisioneiros.....	2.855
Total .....	91.539

O jornal francês comenta estes algarismos, considerando-os muito inferiores á realidade.

## Austria-Hungria

**Provisão de cavalos.** — Quando se declarou a guerra havia 4 milhões de cavalos no imperio austro-hungaro ; a maior parte deles eram provenientes da Hungria.

A estatística *ante-bellum* era de 600.000 cavalos, mas este, como todos os demais calculos, era excessiva.

Há duas caudelarias reais e sete do governo, que contam 5.000 cavalos reprodutores e eguas de tipos distintos.

Não há estabelecida nenhuma caudelaria exclusiva para o exercito.

Em tempo de paz o serviço militar exigia uns 14.000 cavalos por ano ; 40 por cento de 3 a 4 anos, e o resto de 4 a 7.

Os preços por que se pagavam eram variaveis : de 120 libras por cavalo de carga e de 240 pelo de tiro pesado.

Ao completar um cavalo 10 anos de serviço dava-se a um agricultor para

seu uso, e durante cinco anos devia ser entregue por êle uma vez por ano, enquanto duravam as manobras.

Decorrido este tempo, passava o cavalo a ser propriedade do agricultor, sem nenhuma condição.

No principio da guerra vieram para o serviço 30.000 cavalos que se encontravam nestas condições.

O país está dividido em 76 distritos pecuarios.

De 10 em 10 anos organisa-se o censo cavalár.

Todos os cavalos que figuram em um distrito são inspeccionados de 2 em 2 anos.

Na mobilização, todos os cavalos uteis aceites pela Comissão hão de ser entregues nas 24 horas seguintes á recepção da ordem, no lugar designado.

O preço estipula-se previamente, assim como o numero de cavalos que se necessitam de cada distrito.

## Espanha

**O problema da gasolina.**—O preço deste combustível vai aumentando de dia para dia, e tudo faz supor que se as circunstancias actuais subsistirem durante algum tempo, sem que no entretanto se encontrarem soluções para baratear o dito produto, haverá necessidade de suprimir uma boa parte do trafico automobilista, e o funcionamento normal de muitos motores de explosão. Já ha noticias de suspensão parcial ou total de transporte de passageiros em algumas linhas de NO de Espanha, e nas possessões do Norte de Africa foi cotada por 35 pesetas a caixa de 36 litros, que ainda não há muito podia adquirir-se por 18 ou 20 pesetas.

O governo inglês, antecipando-se aos acontecimentos, e com o duplo objecto de pôr um freio á começada invasão do país por viaturas automoveis fabricadas na America do Norte, e limitar ao tempo proprio a entrada de grandes quantidades de gasolina, cuja aquisição requer o emprego de grandes quantias em um produto estrangeiro, impoz direitos alfandegários que sobem a 33 por 100 do valor das viaturas importadas, e além disso, as tarifas contributivas das carruagens inscritas tem sido consideravelmente aumentadas.

Acreditou-se num principio que o incremento progressivo do preço da gasolina reconhecia por causa unica a ideia do exagerado lucro desenvolvido entre os comerciantes e intermediarios que exploram esse negocio; mas o problema parece ter maior importancia. Efectivamente, por circunstancias conhecidas, a Europa occidental só utiliza hoje a gasolina procedente da distillação do petroleo bruto obtido nos jazigos e poços norte-americanos, e embora estes estejam longe de se encontrarem esgotados, o caso é que á medida que se vai forçando a extracção, obtem-se petroleos brutos de peor qualidade, ou antes, petroleos que, tratados pelos processos correntes de distillação, produzem menor quantidade de gasolina; e, por consequencia, atravessamos agora um periodo de escassez na produção, agravada com o extraordinario consumo de combustível feito pelos numerosissimos automoveis de serviço dos exercitos aliados e pelos dois milhões e meio de veiculos que funcionam na America do Norte; este numero aumentára de uma maneira consideravel em 1916, por se acharem as fabricas norte-americanas em condições de poder lançar no mercado, anualmente, cerca de um milhão de automoveis.

A produção de gasolina nos Estados-Unidos durante 1915 foi de 4.500 milhões de litros, e esta quantidade deverá ser grandemente forçada se se satisfizerem a todas as necessidades previstas.

As soluções do problema que nos ocupa não devem procurar-se igualmente entre europeus e americanos. E' claro que a estes convem-lhes não só atender ao seu consumo nacional, mas fomentar a obtenção de um produto que quasi se pode incluir entre os artigos de primeira necessidade, e para cuja aquisição a maior parte da gente deveria continuar sendo tributaria da Republica norte-americana.

Entendendo-se assim, o Governo recomendou com interesse e concedeu certas facilidades a fim de vulgarizar a implantação do processo descoberto recentemente pelo dr. Rittman, quimico que presta serviço na Repartição de Minas. Com os metodos ordinarios de refinação, por cada 100 litros de petroleo bruto obtem-se 15 a 20 litros de gasolina, emquanto que o dr. Rittman pretende, e assim parece ter-se confirmado nas dez instalações feitas até agora, que com o seu *cracking process* se obtem 40 a 60 litros, ou seja quasi o triplo da quantidade de gasolina. A ideia essencial deste processo consiste em fazer circular o petroleo bruto por um circuito de forma e dimensões especiais, e no qual se conservam constantes uma pressão e temperaturas determinadas; os vapores condensam-se em um deposito situado na parte superior do circuito e os demais produtos da distilação deitam-se em outro deposito inferior.

E' mui possivel que esta solução, ou outra semelhante, resolva o problema a favor dos norte-americanos; todavia, quasi todas as nações do velho continente teem efectuado experiencias para substituir a gasolina por outro combustível mais economico que produza resultados analogos.

A Espanha, que já conta 11.000 viaturas matriculadas, para não permanecer tributaria do estrangeiro, pagando por preços exorbitantes o combustível necessario para os seus automoveis, trata com urgencia de substituir a gasolina por outro produto de fabrico nacional, indicando-se já que o benzol de fabrico espanhol resolveria de modo satisfatorio o problema.

## Estados-Unidos

**O problema da artilharia de campanha.**— Era constituido até agora por 6 ou 7 tipos de canhões. Entre os de menor calibre figuram o de campanha de 3 polegadas (7<sup>cm</sup>,6), o modelo mais antigo de 3,2 polegadas (8<sup>cm</sup>,1) e o de montanha de 2,95 polegadas (7<sup>cm</sup>,5); incluem-se entre os de calibre médio, o de 4,7 (11<sup>cm</sup>,9) de tiro directo, o de sitio, de 5 (12<sup>cm</sup>,7) e de 7 (17<sup>cm</sup>,8); embora este ultimo tenha ficado já pela sua antiguidade fóra de uso. Carece o exercito americano de calibres maiores, compreendidos entre 8 e 16,5 polegadas (20<sup>cm</sup>,3 e 41<sup>cm</sup>,9).

O canhão de 3 polegadas (7<sup>cm</sup>,6) é de tipo moderno de tiro rapido, recuo sobre o reparo e alça panoramica.

Só se emprega contra pessoas e dispara tres especies de projecteis: grana ordinaria, shrapnel vulgar com 252 balas e shrapnel com maior numero de balas, 285, sendo os intersticios entre elas cheios com um forte explosivo.

O de montanha, de 2,35 polegadas (7<sup>cm</sup>,5) está construido para ser trans-

portado a dorso. Lança projecteis de 12,5 e 18 libras (5,67 e 8,07 quil.), com 920 e 750 pés (280<sup>m</sup> e 229<sup>m</sup>) por segundo de velocidade inicial.

O de 4,7 (11<sup>cm</sup>,9) applica-se á destruição de obras de terra e tambem contra tropas a descoberto. Esta peça ganharia muito trocando-lhe o reparo, pois com o actual obtem-se angulos de elevação pequenos, tanto que a peça de 3 polegadas dispõe de 90° mais de elevação com alcances superiores aos desta peça de 4,7. O ultimo modelo de canhão de 3 polegadas data de 1905 e o de 4,7 de 1906.

O obuz de 4,7 é um canhão curto de menor vélocidade inicial, projectado contra cobertas protectoras, entrincheiramentos e tropas entrincheiradas.

De 1908 é o obuz de 6 polegadas (15<sup>cm</sup>,2). Com 274 metros de velocidade, lança um projectil de 120 libras (54 quil.) a uma distancia maxima de 6.124 metros.

Comentando a revista *Scientif American* a organização da artilharia de campanha dos Estados-Unidos reconhece a deficiencia da mesma ao comparal-a com o desenvolvimento da artilharia, similar na guerra europeia, pois não só possuem os norte-americanos poucos canhões dos tipos supra indicados, mas carecem dos calibres compreendidos entre 8 e 16,3 polegadas (20,3 e 41,9 cent.), hoje em dia utilizados em campanha.

O general Crozin, com um recente discurso, deu conta dos seus planos de levar a cabo, desde ha alguns anos, a construção de dois calibres superiores ao de 6 polegadas. Trata-se dos obuzes de 7,6 polegadas (19<sup>cm</sup>,3) e do de 9,5 polegadas (24<sup>cm</sup>,1). Do primeiro acaba-se de concluir um que será experimentado no campo de Sandy Hook.

O de calibre 9,5 ainda não passou ao estado de projecto.

Ultimamente foram dotadas disposições pelo War Departemant para aumentar a proporção de canhões de 3,6 que até agora regulava por 4,9 por cada 1.000 infantes; para a creação de um tipo de obuz de 11 polegadas (27<sup>cm</sup>,9), e para aumentar a dotação de tiros de peça de 3 polegadas, de 1.800 a 5.000.

A respeito do numero de peças de que actualmente se dispõe, o mesmo general Crozin, afirmou que em principios de 1916 se elevava o seu numero a 900 entre todos os calibres de campanha, o que pelo menos, se precisam actualmente 2.040 canhões.

## **França**

**Organização da cavalaria durante a ofensiva do Some.** — Com o fim de aproveitar o momento difficil que haveria de se prôduzir ao iniciar o inimigo a retirada, no caso de romper a sua frente, vista a difficuldade de transportar o imenso material de artilharia, e de acampamento acumulado nas linhas de trincheiras, foram concentrados 3 corpos de cavalaria francesa para uma vez conseguido o fim proposto, empreender uma rigorosa perseguição.

Cada corpo compunha-se de 2 divisões a 3 brigadas e cada brigada 2 regimentos. Os regimentos eram formados por 4 esquadrões: 3 de manobra e o 4.º composto de secções de operarios, telegrafistas, metralhadoras e explosivos.

As divisões, além dos seus 6 regimentos, constavam de 3 grupos não affectos ás brigadas, um de metralhadoras, outro ciclista, composto de 1.500 homens em bicicletas, e outro tambem de 1.500 soldados de cavalaria, a pé, com

o seu armamento e uniformes, comandados por oficiais da arma. A base destes grupos é constituída pelo grande numero de reservistas de cavalaria, que em França, como em todos os exercitos, excede o de cavalos que se podem mobilizar, e em vez de destinar esse excesso para servir nas fileiras da Infantaria, como se tem feito, com notorio erro, em outros países e ocasiões, tem-se empregado como apoio das forças montadas, evitando deste modo distrair, tropas de infantaria.

Toda a cavalaria é armada de carabina com baioneta e em cada cavallo vai uma ferramenta de sapador.

Cada divisão é acompanhada por uma bateria a cavallo.

## DIVERSOS

**Projecteis contra aeronaves.** — A *Revista de artiglieria e genio* de janeiro de 1916, publica dados sobre os projecteis usados pelos alemães contra as aeronaves inimigas. Diferençam-se dos projecteis comuns pelo grande fraccionamento que sofrem pela explosão da carga.

Um dos tipos, construidos pela *Rheinische Metallwaren und Machinfabrik de Dusseldorf*, é um shrapnell em que a parte ogival é constituída por uma granada podendo rebentar por percussão ou por tempo pela acção de uma espoleta de duplo efeito e cujo mixto é inflamado ao mesmo tempo que a espoleta principal do shrapnell.

As balas projectam-se segundo um cone de 12° a 16° da abertura e a ogiva fracturada, num angulo de 200° em todas as direcções a distancia variavel entre 200 a 300 metros.

O projectil bate pois um espaço de 700<sup>m</sup> de profundidade por 300<sup>m</sup> de largura.

A parte ogival pode tambem conter uma mistura incendiaria a qual, produzindo fumo, facilita a observação do tiro.

Outro tipo é construido pela casa Krupp e destina-se principalmente a incendiar as aeronaves comunicando fogo ao hidrogeneo do balão.

A' frente do projectil encontra-se uma lamina de percussão fixa a uma haste e solicitada por uma mola em espiral que a impele para diante. A esta lamina são fixadas duas hastes laterais munidas de palhetas de ferro que se podem pôr em contacto com as paredes externas da ogiva, que é estriada.

Quando o projectil encontra o envolucro do dirigivel a mola da lamina comprime-se; as palhetas friccionando as paredes da ogival produzem faiscas, que inflamam o hidrogeneo.

**Idade dos principais comandantes dos exercitos beligerantes.** — A revista *The International Military Digest* publica uma informação sobre este assunto, da qual tomámos os numeros seguintes:

Exercito francês—Generais: Joffre, 64 anos de idade; Castelnau, 65; Foch, 65; Langle de Eary, 67; Pétain, 59; Dubail, 65; Villaret, 64; Roques, 60; Humbert, 55; Gourand, 47; d'Espirey, 60; d'Urbal, 50; Hély d'Oissal, 56; Dubois, 64; Mand'huy, 60.

Exercito inglês—Haig, 55; Plumer, 59; Rawlinson, 52; Monzo, 56; Allenley, 55; Pultaney, 55; Ferguson, 51; Byng, 54; Alderson, 57; Wilson, 52;

Hacking, 54; Gough, 46; Birdwood, 51; Hunter-Weston, 52; Lord Coven, 51; Keir, 60; Faushawe, 56; Moriand, 51; Snow, 58; Congrave, 54.

Exercito alemão - Von Scholz, 65; von Fabeck, 62; von Eichhorn, 68; Leopoldo da Baviera, 70, von Woysch, 69; von Linsingen, 66; von Böhmer, 64; von Hindemburgo, 60; von Mackenzen, 71; Alhecht de Wurtemberg, 51; Principe Real da Baviera, 47; von Heeringen, 66; von Ecriem, 63; Principe herdeiro da Prussia, 34; von Stranz, 63; von Gaede, 64; von Falkenhausem, 72; von Kluk, 70; von Bezeler, 66; von Bülow, 70; von Below, 63.

.....  
Destes dados, resulta :

1.º Que o generalato nos exercitos modernos é profissão de velhos, considerando como tais os individuos que, na sua maioria, teem a idade de 60 anos.

2.º Que *relativamente* ao exercito alemão é o que é comandado por officiais mais velhos (termo medio de idade 65,7 anos).

3.º Que o exercito inglês é o que possui comandantes mais novos (termo medio de idade 53,9 anos).

4.º Que a idade dos comandantes do exercito francês é intermedia entre as correspondentes aos dois exercitos anteriores.

## II

# PARTE MARITIMA

## Alemanha

A armada alemã deve hoje constar dos navios em numeros sensivelmente eguais aos seguintes :

<i>Dreadnoughts</i> .....	27
<i>Pre-dreadnoughts</i> .....	19
Cruzadores couraçados .....	3
» ligeiros.....	34
Contra-torpedeiros .....	148
Torpedeiros.....	65
Submarinos.....	?

O submarino lança-minas U 5 aprovado pelos ingleses, tem um casco desmontavel em 4 secções, tendo sido armado, ao que parece, em Zeebrugge. Tem apenas 33<sup>m</sup> de comprimento e 3<sup>m</sup> de boca, sendo posto em movimento por um Diesel de 6 cilindros e cerca de 250 cavalos, accionando um só helice e capaz de lhe imprimir a velocidade maxima de 10 nós.

A guarnição era de 5 officiais e 17 praças, não havendo nenhum local no interior com a altura de um homem; não obstante esta falta de comodidade, tinha este barco feito 19 viagens á costa de Inglaterra, tendo lançado mais de 200 minas.

Destinado exclusivamente ao seu lançamento, leva-as alojadas em compartimentos verticais comunicando livremente com o mar pela parte inferior,

os paióis ocupam toda a região para diante da torre do comando; em cada compartimento alojam-se duas, uma sobre a outra, e são largadas por meio de alavancas manobradas da ré.

As minas descem até ao fundo juntamente com as poitas e só depois se voltam desenrolando-se os cabos respectivamente; a profundidade é regulada por meio de uma valvula hidrostática.

## Espanha

As características do submarino *Isaac Peral*, lançado em julho nos estaleiros de Quincy (Estados-Unidos) são as seguintes: Deslocamento em emergência 700 toneladas; velocidade á superficie (Diesel) 14 nós; raio de acção normal 3:000, raio de acção maximo, aproveitando o duplo fundo para transporte de nafta, 6:000; velocidade emerso (acumuladores) 10,5 nós; IV litros e I de 75<sup>mm</sup>.

O casco exterior assemelha-se ao de um navio, sendo o interior fusiforme. Espera-se que faça a travessia do Atlantico pelos proprios meios.

## Estados-Unidos

O programa de construções navais tal como foi aprovado pelo parlamento, é o seguinte :

Couraçados. ....	10 até 1919, dos quais já	4
Cruzadores de batalha . . . .	6 » » » » »	4
Scouts . . . . .	10 » » » » »	4
Contra-torpedeiros. ....	50 » » » » »	20
Submarinos de esquadra. . . .	9 » » » » »	9
» » costa . . . . .	58 » » » » »	30

# BIBLIOGRAFIA

## I — LIVROS

### França

- 1 DALLOZ. — *Guerre de 1914. Documents officiels; textes législatifs et réglementaires.* Onzième volume. 1<sup>er</sup> avril — 1<sup>er</sup> juin 1916. Publié sous la direction de MM. Gaston Griolet, docteur en droit, Charles Vergé, maître des requêtes honoraire. Avec la collaboration de M. Henry Bourdeaux, juge d'instruction au tribunal de la Seine. In-16, 307 p. libr. Dalloz (R. de Rigny, administrateur), 11, rue Soufflot. 1916. (23 juillet) Fr. 2
- 2 *Instruction sur les travaux de campagne à l'usage des troupes de toutes armes, approuvée le 21 décembre 1915.* In-12, 277 p. avec fig. (17 juillet) 1915. Impr. nationale.  
Grand quartier général. Premier et troisième bureaux.
- 3 LEMOINE (A.) inspecteur primaire honoraire de la Seine. *Le Livre d'or de l'école primaire. Les Instituteurs, les Institutrices et la Guerre. L'Ecole pendant la guerre. Les Enfants héroïques. L'Héroïsme mili-*

- taire. *L'Héroïsme civil*; In-8, 208 p. et gravures. 1916, (13 juillet). Impr. et libr. Jouve et Cie edit. 1916. Fr. 4
- 4 LESTONNAT (R.) — *L'A B C de la guerre navale*. Trente-deux planches hors texte. Villefranche-de-Rouergue. Société anonyme d'imprimerie. In-8, 215 p. libr. Delagrave, 11, rue Soufflot. Paris. 1916. Fr. 4
- 5 MURY (E. A.) docteur en médecine, médecin aide-major des troupes coloniales. — *Organisation médicale d'un bataillon pendant la campagne 1914-1916* (thèse); In-8, 47 p. imprimerie Y. Cadoret Bordeaux. Université de Bordeaux. Faculté de médecine et de pharmacie. Année 1915 1916. N.º 28.
- 6 NAST (A.), docteur en droit, médecin auxiliaire. — *La Vie morale et la Guerre*. Discours prononcé au Palmarium de Bourges, le 27 avril 1916, avec l'autorisation de MM. les généraux commandant les 5<sup>e</sup> et 8<sup>e</sup> régions territoriales; Lettre de M. Justin Godart, sous-secrétaire d'Etat du service de santé. 6<sup>e</sup> mille. In-8, 24 p. Fédération abolitionniste, branche française, 1, avenue Malakoff. 1916.  
Aux soldats de France.
- 7 PONSAN (R. A. M. A.) — *Le Service de santé du bataillon au combat dans la guerre de tranchées* (thèse). In 8, 46 p. et planche. Impr. Y. Cadoret: Bordeaux. 1916.  
Université de Bordeaux. Faculté de médecine et de pharmacie. Année 1915-1916. N.º 33.
- 8 SOUCHARD (L. A. A.) docteur en médecine, médecin aide-major des troupes coloniales. — *Organisation de la relève et de l'évacuation des blessés dans un secteur de première ligne* (thèse). In-8, 35 p. impr. Y. Cadoret. Bordeaux. 1916.  
Université de Bordeaux. Faculté de médecine et de pharmacie. Année 1915 1916. N.º 29.
- 9 STERN (Ernesta) (Maria Star) — *Le Baptême du courage* (manuscrit de la guerre) 1916. In-16, 181 p. éditions de la «Nouvelle Revue» 80, rue Taitbout. Paris. Fr. 3,50
- 10 TOURNADE (A.) professeur agrégé des facultés de médecine, ex-répétiteur à l'École du service de santé militaire, médecin major de deuxième classe au 10<sup>e</sup> bataillon de chasseurs à pied. — *La Pratique de l'hygiène en campagne*; 1916 (13 juillet). In-16, 232 p. avec figures. Impr. et libr. L. Fournier. Paris.
- 11 MOULIN (R.) — *La Guerre et les Neutres* (deuxième série) 1916 (6 juillet). In-16, III-400 p. impr. et libr. Plon-Nourrit et C.<sup>ie</sup> Paris. Fr. 3,50
- 12 CIÉRET de Langavant (Rév. Père) aumônier militaire (...\* division). Javarsay (Deux Sèvres) — *Cantiques de guerre*. 1916. In-12, 40 p. En vente chez M. Bonamy. libr.-éditeur, à Poitiers. L'exemplaire 15<sup>c</sup>; le cent, 12,50 fr.; les 500, 55 fr.
- 13 NICOT (A.) *La Grande Guerre. Les Prétexes. L'Invasion*. 1916. In-16, 259 p. avec grav. Impr. et libr. A. Mame et fils, Tours.
- 14 *Annexe au Règlement provisoire de manœuvre de l'artillerie de campagne. Dispositions spéciales aux batteries armées du matériel de 155 court modèle 1915*. S, approuvées par le ministre de la guerre le 1<sup>er</sup> mars 1916. 1916 (28 juin). In-12, 64 p. Impr. nationale. Paris.
- 15 *Carnet de route d'un officier d'alpins. 2<sup>e</sup> série*. Octobre-novembre-décembre 1914 En Argonne. Sur l'Yser. En Artois. Avec 3 gravures et 3 cartes hors texte. In-8, 89 p. impr. et libr. Berger-Levrault. 1916. Nancy-Paris. Fr. 1,50  
La Guerre. Les Récits des témoins.
- 16 MAYER (Emile) (lieutenant-colonel E. Manceau) — *Comment on pouvait prévoir l'immobilisation des fronts dans la guerre moderne. L'Évolution de l'art militaire*. 1916. In-8, x-102 p. impr. et libr. Berger-Levrault. Paris. Fr. 2
- 17 *Carte de l'Europe centrale, à l'échelle de 1:1500000\** Feuille SE Hongrie. Dressé par G. Bagge. Gravé: le trait et la topographie par E. Delaune, la lettre par E. Dumas-Vorzet. (Atlas universel par Vi-

- viende Saint Martin et Fr. Schrader, impr. Gaillac-Monrocq et Cie Paris.
- 18 *Carte de la Macédoine, à l'échelle de 1:600000<sup>e</sup>*, Edition provisoire. Impr. Gaillac-Monrocq et Cie Paris.
- 19 AMICIS (E. de) ancien officier d'infanterie. — *La Vie militaire. Croquis militaires italiens*; Traduit de l'italien par Ercole Moreni. 2<sup>e</sup> édition. In-18, VIII-264 p. 15, rue Soufflot (S. M.) Delagrave. Paris. Fr 3 50
- 20 *Armée belge Cours d'instruction d'artillerie. Conférences approuvées par la direction de l'artillerie au G. Q. G.* 1916. In-8, 63 p. avec fig. Henri Charles-Lavauzelle, 124, boulevard Saint-Germain. Paris.
- 21 BRAIBANT (M.) docteur en droit, lauréat de l'Institut, juge suppléant, officier greffier de réserve. — *La Procédure aux armées. Manuel à l'usage des parquets militaires, suivi de notions de comptabilité.* 1916. In-8, XL-283 p. impr. et libr. Berger-Levrault. Paris. Fr. 3

### Inglaterra

- 1 *Book of the Victoria Cross.* (The) Compiled by Major Rupert Stewart. 8vo, pp. 580. *Hugh Rees* net 6/
- 2 BOXWALLAH. *An Eastern Backwater.* 8vo, pp. 320. *Melrose* net 7/6
- 3 BUCHAN (John) *Nelson's History of the War.* Vol. 14. Cr. 8vo, pp. 327. *Nelson* net 1/3
- 4 BUCHAN (John) *The Battle of Jutland.* Cr. 8vo, swd., pp. 45. *Nelson* 3d
- 5 DAVENPORT (Briggs) *What the British Empire is Doing in the War.* 8vo, swd pp. 67. *Fisher Unwin.* net 6d
- 6 DAVRAY (Henry D.) *Through French Eyes. Britain's Effort.* 8vo, pp. 263. *Constable* net 6/
- 7 *Dictionary of English and French Military Terms.* Part I. French-English. By «Captain». 18mo, pp. 148. *Hugh Rees* net 2/6
- 8 FORSYTH-MAJOR (Capt. O. A.) *Elements of Tactics.* 8vo, pp. 125. *Gale & Polden* net 4/
- 9 GIBSON (Charles R.) *War Inventions and How they were Invented.* Cr. 8vo, pp. 256. *Seeley, Service* 3/6
- 10 GILLESPIE (A. D.) *Letters from Flanders.* With an Appreciation of Two Brothers by the Right Rev. the Bishop of Southwark. 3rd ed., with an appendix. Cr. 8vo, pp. 341. *Smuth, Elder* net 5/
- 11 GILLIAT (Edward) *Stories of Great Sieges.* Cr. 8vo, pp. 219. *Seeley, Service & Co.* 2/6
- 12 GRIBBLE (Francis) *Women in War.* 8vo, pp. 350 *S. Low* net 7/6
- «HYTHE» *Series of Aids to Training* (The) No. 1. *Infantry Drill and Attack.* Pp. 18; No. 2. *Infantry Defence and Protection.* Pp. 22; No. 3. *Infantry Night Operations, Reconnaissance, etc.* Pp. 18; No. 4. *Musketry.* Pp. 16; No. 5. *Aiming Instruction.* Pp. 17; No. 6. *Firing Instruction, etc.* Pp. 15; No. 7. *Range Finding, etc.* Pp. 15. *Aids to Training.* No. 8 *Musketry, Range Practice, etc.* Pp. 14; No. 9 *Musketry Barr and Stroud Range Finding.* Pp. 14; No. 10. *Musketry Theory of Rifle Fire.* Pp. 16. 8vo. *W. S. Paine* each, net 6d
- 13 *In the Northern Mists. A Grand Fleet Chaplain's Note Book.* Cr 8vo, pp. 242. *Hodder & S.* net 5/
- 14 LAMB (Charles) *A Pocket History of the Regiments.* 18mo, pp. 95. *Oliver & Boyd* net 1/
- 15 LETHBRIDGE (M. C.) *Russian Chaps.* Cr. 8vo, pp. 203. *J. Lane* net 1/
- 16 MARTIN-NICHOLSON (Sister) *My Experiences on Three Fronts.* Cr. 8vo, pp. 288. *Allen & U.* net 4/6
- 17 MATTHEWS (Dr. Caroline) *Experiences of a Woman Doctor in Serbia.* 8vo, pp. 247. *Mills & B.* net 5/
- 18 *Mechanism of the Rifle at a Glance* (Short Enfield Magazine, Lee Enfield Mark III) *Gale & Polden.* net 6d
- 19 MORSE (John) *An Englishman in the Russian Ranks.* New and cheaper ed. Cr. 8vo, pp. 343. *Duckworth.* net 2/6

- 20 PRIESTMAN (E. Y.) *With a B.P. Scout in Gallipoli*. Cr. 8vo, pp. 326. Routledge net 6/  
 21 RAE (Herbert) *Maple Leaves in Flanders Fields*. Cr. 8vo, pp. 278. Smith, Elder net 5/  
 22 REED (John) *The War in Eastern Europe*. 8vo, pp. 349. E. Nash net 10/6  
 23 RUHL (Arthur) *Antwerp to Gallipoli. A Year, of War on Many Fronts — and Behind Them*. 8vo, pp. 313. Allen & U. net 7/6  
 24 SALMOND (Charles A.) *Echoes of the War*. Cr. 8vo, pp. 96. A. Gardner net 1/  
 25 SANDES (Flora) *An English Woman-Sergeant in the Serbian Army*. Cr. 8vo, pp. 242. Hodder & S. net 2/6  
 26 *Service Medals, Ribbons, and Flags*. Cr. 8vo. G. Philip & Son net 5/  
 27 SMYTH-PATERSON (J.) *The Men Who Died in Battle*. 2nd ed. Cr. 8vo, pp. 67. Hodder & S. net 1/  
 28 *Stand By! Naval Sketches and Stories*. Cr. 8vo, pp. 120. Pearson net 1/  
 29 STEWART (Major Herbert A.) *From Mons to Loos. Being the Diary of a Supply Officer*. Cr. 8vo, pp. 306. Blackwood net 5/  
 30 STRANG (Herbert) *The British Army in War*. Folio. swd. Frowde & Hodder net 3/6; 4/6  
 31 STRANG (Herbert) *The British Navy in War*. Folio, swd. Frowde & Hodder net 3/6; 4/6  
 32 STRANG (Herbert) *The Empire in Arms*. Folio. Frowde & Hodder net 6/  
 33 *Temporary Gentleman in France» (A) Home Letters from an Officer in the New Army*. Cr. 8vo, pp. 197. Cassell net 1/  
 34 «Times» *History of the War (The) Vol. 8*. Folio, pp. 512. «The Times» net 10/6; half leather, 12/6; leather, 15/  
 35 TREFALL (T. R.) *The Story of the King's (Liverpool Regiment)*. With a Preface by the Earl of Derby, K.G. 8vo, pp. 229. Country Life net 6/  
 36 TURNER (Charles) *Aircraft of To-day*. Cr. 8vo, pp. 315. Seeley, Service & Co. net 5/  
 37 VAUX (Patrick) *Sea Patrols*. Cr. 8vo, pp. 196. Hodder & S. net 1/  
 38 *With the Springboks in Egypt*. By «Captain». (The Soldier Books). Cr. 8vo, pp. 148. Hodder & S. net 1/  
 39 YOUNG (Ernest) *How to Run a Troop. (First Year's Work)*. Cr. 8vo. Pearson net 1/; 2/

## II — PERIODICOS

### Portugal

- 1 *Anais do Club Militar Naval*, n.º 11 de novembro de 1916. A combinação da maquina alternativa com a turbina. Perda e restauração da Baía — 1674-25. Assuntos de Administração naval. A Escola Naval e a pedagogia. O submarino mercante alemão «Deutschland». A educação dos oficiais de marinha. Os acontecimentos da actual conflagração.
- 2 *Boletim da administração militar*, n.º 12 de dezembro de 1916. Finanças de guerra — IV — No conflito balcanico. Officiais tesoureiros das unidades em campanha. Abastecimento de pão em campanha. Forno volante Geneste Herscher & Somasco. Instrução tactica das tropas de administração militar. Crónicas administrativas — III — O ano cerealifero em diferentes países produtores. Miscelanea.
- 3 *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, n.ºs 4 a 8 de abril a setembro de 1916. O regime dos prazos da Zambezia. A mão d'obra agricola na provincia de Cabo Verde. O problema do abastecimento do açúcar e do seu barateamento. A irrigação do Alemtejo. Uma viagem no distrito de Tete.

- 4 *O Instituto*, n.º 12 de dezembro de 1916. Artífices portugueses ou domiciliados em Portugal. O Fausto de Goethe. Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança.
- 5 *Revista de medicina veterinaria*, n.º 177 de dezembro de 1916. Ensino medico-veterinario. Medicina veterinaria colonial — O mormo em Portugal.
- 6 *Revista dos sargentos portugueses*, n.ºs 22 a 24 de 30 de novembro e 15 e 31 de dezembro de 1916. Os vencimentos dos sargentos. Coisas coloniais. As promoções no Exercito e na Marinha. Divagando... Ainda a reforma das praças de pré. Ingresso dos sargentos coloniais na metropole. Os primeiros cabos — Sua situação nas fileiras. Pequenas coisas. Guarda Fiscal. Divagando — A instrução tecnico-militar dos sargentos. O futuro dos sargentos de marinha. Quadro auxiliar dos serviços de artilharia. Ainda os reformados. As colonias. Ingresso dos sargentos coloniais na metropole. Assuntos coloniais. Passando em revista. Sargentos coloniais — Promoção a 1.º sargento. A guerra transforma-se. O expedicionario. Ainda o secretariado naval. Pequenas coisas. Quinzena politica.

### Argentina

- 1 *Revista militar*, n.º 286 de novembro de 1916. Conferencias militares — Algunos temas interesantes. Tema: Conviene dotar la nuestra caballeria de un material de puentes? Qual debe ser? Contribución al estudio de la Guerra del Paraguay. Distritos militares — Algunas observaciones. La Inspección general del Ejercito.

### Brazil

- 1 *Boletim mensal do Estado maior do exercito*, n.ºs 5 e 6 de novembro e dezembro de 1916. Administração militar. Aeronautica militar. Photographias estereophotogrametria da trajetoria dos projecteis Telemetria. Longitude pela observação de ocultação de estrellas por traz do disco da lua. Philosophia da guerra. Cryptotechnia.

### Cuba

- 1 *Boletin del ejercito*, n.º 9 de novembro de 1916. Fabricacion del fusil New Springfield. Notas de campaña de Mexico y la frontera mexicana. Experiencias adquiridas en la campaña. Estado de la hacienda publica y costo de la presente guerra europea. Administracion militar. La educacion fisica en el Peru. La cirugia en la guerra. Rumania en Armas. De la Gaceta oficial de la Republica.

### Espanha

- 1 *La guerra y su preparacion*, n.º de dezembro de 1916. Una visita al frente inglez en Francia. Desarrollo de la aviacion en los Estados-Unidos. La marina de guerra argentina. Consumo de municiones en la actual guerra. Alimentacion del ganado.
- 2 *Memorial de artilleria*, n.º de dezembro de 1916. Consecuencias de la aparición del submarino y del aeronave en la defensa de costas. Primeras materias en la industria de los explosivos. Sustentación y equilibrio de un aeroplano. Utilidad del empleo de las perspectivas en las baterias de plaza.
- 3 *Memorial de caballeria*, n.º de dezembro de 1916. Carta del Excmo. Sr. Capitan general Marqués de Tenerife. Personal didáctico y educador. De cria caballar. Nuevo armamento de la caballeria. Sobre el pacifismo. Consideraciones sobre el galope. Honrando a un héroe. Crónica de la guerra. Lo que fué, lo que es y lo que puede ser.

- 4 *Memorial de infantaria*, n.º 59 de dezembro de 1916. La táctica y la infantería en Marruecos. El envolvimento y el ataque frontal. El batallón unidad de infantería. Algunas ideas sobre organización militar. Carta abierta. La ciencia y sus hombres — Nuevas aplicaciones científicas. El ciclo de la hipótesis. Un precursor español. La guerra europea.
- 5 *Revista técnica de infanteria y caballeria*, n.º 6 de 15 de setembro de 1916. Don Manoel Figueras Santa Cruz. Belgica en la contienda actual. Flores del heroísmo. Obras geografico-estrategicas. De la guerra mundial — Impresiones hispanófilas. La Escuela ante la guerra o el triunfo de la educación. La obra militar de la Revolución francesa.

### Estados- Unidos

- 1 *The International Military Digest*, vol. 2.º, n.º 4 de dezembro de 1916.

### Italia

- 1 *Rivista di cavalleria*, n.º de dezembro de 1916. Forza numerica degli ufficiali dell' arma di cavalleria. Da un Mese all' altro. Antiche bombardate sabande. Cronaca degli avvenimenti di guerra dell' agosto 1915. Verdun. La cavalleria nelle due guerre balcaniche. In memoria del capitano Luigi Zappieri.

### Mexico

- 1 *Tohtli*, n.ºs 10 e 11 de outubro e novembro de 1916. Su Magestad el aeroplano Los Estados Unidos en busca de Pilotos militares. Escuela. El aeroplano en Europa. El primer aeroplano sin cables expuestos. Aprendiendo a volar. El aeroplano en Mexico. Una pagina inedita de d'Annunzio. Sobre la Estabilidad del aeroplano. Cómo distinguir la Nacionalidad de algunos aeroplanos. Artilleria viviente. Los Estados Unidos en busca de pilotos militares. La cruz roja. «El Pueblo» abre un certamen. En pro de la union latino-americana. El Departamento de aviación pasa a depender de los establecimientos fabriles militares. Oh! las preguntas impertinentes!. . Escuela. El aeroplano en Europa. Lo que nos enseña el vuelo de las aves Aprendiendo a volar. El Motor hispano-suizo para aviación. La Teoria y la Práctica deben ir siempre unidas. Festival efectuado en los talleres de aviación. El grito de la raza.

### Noruega

- 1 *Norsk militært tidsskrift*, n.ºs 11 e 12 de novembro e dezembro de 1916. Zepoliverne. Krigen XVIII Infanteriets tunge mitralgeseardelinger, deres opsætning og utstyr. Kameratskap og kappelyst. Kappelyst. Baneskytning-proktisk skytning. Anmeldelser.

### Peru

- 1 *Boletin del Ministerio de guerra y marina*, n.º de agosto 1916. Conferencias dadas en la Academia de Estado-Mayor. Servicio veterinario. Ejercicios de servicio en campaña aplicados a la artilleria de montaña. Los ultimos aeroplanos. Napoleón jefe de ejercito. Combate de Jutlandia o de Skagerrak. La balística al alcance de todos. Ligeros apuntes sobre reconocimientos militares.